INDICADOR

DOS

OBJECTOS MAIS CURIOSOS

DE

PORTUGAL.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL DE SOARES & IR

RUA DA ALFANDEGA N. 6.

1856.

INDICADOR

DOS

OBJECTOS MAIS CURIOSOS

E DE ALGUNS

MONUMENTOS HISTORICOS

do

REINO DE PORTUGAL

COORDENADO

POR

Antonio Joaquim Alvares

COMMERCIANTE NA CIDADE

do

RIO DE JANEIRO.



1856.

RIO DE JANEIRO. — TYP. COMMERCIAL DE SOARES & C.ª
RUA DA ALFANDEGA N. 6.

ETERNA GRATIDÃO



A' SUA EXCELLENCIA

O BEMFAZEJO E BENEMERITO

SR. JOAQUIM MANOEL MONTEIRO

1.º Visconde da Estrella

COMMENDADOR DA REAL ORDEM DA CONCEIÇAÕ DE VILLA VIÇOSA
FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA DE S. M. F.
CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO
NEGOCIANTE-CAPITALISTA DA PRAÇA DA CAPITAL DO BRAZIL
PRESIDENTE DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA
E FUNDADOR DO SEU HOSPITAL NO RIO DE JANEIRO.

CONSAGRA A' SUA MEMORIA
E DA SUA EXCELLENTISSIMA FAMILIA

O Auctor.

AO LEITOR.

Bem longe estou de aspirar o titulo de litterato, academico ou mesmo as honras de abalisado escriptor publico. Meus principios forão outros. Dado desde a infancia á carreira mercantil, carreira por sem duvida illustre, ramo honroso de vida em que o homem póde ser util a si, á sua familia, ao paiz que o hospeda e á patria que o viu nascer, e se poucas horas tendo disponiveis nada pude colher daquillo que invejo em tantos, que tão ardentemente desejo e que frustrádas vejo as esperanças de o alcançar — ser homem de letras. — Mas essas horas mesmas empregadas na leitura, ou em viagem ao centro da minha terra, a obra — Portugal Pittoresco — me fornecêrão dados para o pequeno trabalho que hoje offereço ao Publico.

Apadrinho-me com o que venho de dizer — e encorajado com o exemplo de mil guias para os viajantes, escriptas em todas as linguas, menos na nossa, e mais ainda com a falta que talvez sintão os milhares de viajantes que ora visitão Portugal, de um apontador das celebridades artisticas deste Reino, eu me animei a publicar esta pequena obrinha. Não conseguirei realisar os meus desejos, e actingir a meu fim, mas abro o exemplo, e quiçá alguem melhor o faça. Feliz delle, e commiseração para mim.

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1856.

(Dia de memória aos annos de uma pessoa a quem tributo respeito e gratidão.)

INDICADOR

DOS

Objectos mais curiosos, e de alguns monumentos historicos do reino de Portugal.



CIDADE DE LISBOA.

I.

A cidade de Lisboa, chamada — Olisippo — e depois —Felicitas Julia— pelos antigos, é a capital de Portugal e da provincia da Extremadura, cidade á margem direita do Tejo e perto de sua embocadura, tem, conforme a lei eleitoral de 8 de Outubro de 1836, 200.000 habitantes, divididos por 46.520 fogos; supposto alguns profissionaes lhe dêem a de 260.000 almas. Divide-se em seis bairros ou conselhos administrativos, denominados — Alfama, Mouraria, Rocio, Bairro Alto, Santa Catharina e Belém.

Foi fundada pelos Phenicios, ou talvez por Ulysses, de que tirou o nome. Pouco importante no tempo dos Romanos, augmentou no dos Arabes, e muito mais no dos Mouros, de quem foi tomada no 8.° seculo; e de então para cá tem crescido e florescido (máo grado os terremotos de 1531, e principalmente o de 1755), apezar do que soffreu

em 1807 com a estada dos Francezes; e finalmente das contínuas lutas intestinas por que tem passado.

II.

Estatua equestre, toda de bronze e fundida de um só jacto, representando a effigie, a caracter, d'El-Rei D. José I. Está no largo do Paço, e foi concluida em 13 de Maio de 1775 por mandado do grande Marquez de Pombal. Esta grande memória, e obra prima da arte, não ha penna que bem a possa descrever, e só sim poderá a sua belleza ser bem comprehendida pela propria vista do visitante. Della apresentaremos no fim deste livrinho uma especial descripção.

III.

Igreja de S. Vicente de Fóra, fundada por El-Rei D. Affonso Henriques, em memória da tomada de Lisboa aos Mouros, lançando-lhe a primeira pedra fundamental no dia 21 de Novembro de 1147, como consta de uma inscripção latina, que lá existe, e diz assim : « Esta Igreja fundou El-Rei D. Affonso, o 1.° de Portugal, á honra da bemaventurada Virgem Maria e de S. Vicente Martyr. » Foi nesta Igreja que Santo Antonio de Lisboa tomou o habito da ordem de Santo Agostinho, antes da do Franciscano, a que depois pertenceu. Ali se vêem os túmulos de varios Reis, Rainhas, Infantes e Infantas de Portugal, pois que é o lugar destinado para jazigo da Casa Real por-

tugueza. Tem contiguo á Igreja um palacio magnifico, habitação do Cardeal Patriarcha.

IV.

Túmulo do grande D. Nuno Alvares Pereira, Condestavel mór do reino, que está proximo da capella mór, na Igreja de S. Vicente de Fóra, trasladado do convento do Carmo, que fôra fundado por este inclito portuguez de eterna memória. Foi a grande rainha D. Maria II que ordenou esta preciosa trasladação para um lugar de tanta preeminencia. Tem junto ao túmulo um escudeiro com armadura, e está descoberto, como em fórma de sentinella, velando pelo grande heróe d'Aljubarrota.

V.

Jazigo do invencivel heróe portuguez Affonso de Albuquerque, que está no claustro grande do convento da Graça. Tem este jazigo os restos mortaes de varios membros da distincta familia deste valoroso conquistador da India portugueza.

VI.

Capella de S. João, na Igreja de S. Roque: obra riquissima feita de granito oriental, corafina, alabastro e profyro; veio de Roma em 1751, e crê-se que custára perto de quatorze milhões de cruzados

de ouro!... Tem esta capella tocheiros grandiosos, todos de prata, primorosamente lavrados.

VII.

Sé Cathedral de Lisboa, templo magnifico, que data desde o tempo dos Sarracenos, e que se suppõe foi estabelecido seu capitulo em 1151; sendo seu primeiro Bispo D. Gilberto. Ali se vêem as reliquias venerandas de S. Vicente, Padroeiro da Cidade, e a curiosa pia onde foi baptisado Santo Antonio, nascido em Lisboa.

VIII.

Aqueducto das aguas livres em Lisboa: obra grandiosa, monumental e admiravel. Foi risco do engenheiro militar Manoel da Maia, e concluido no tempo e reinado d'El-Rei D. João V em 1738. O terremoto célebre de 1755 pouco ou quasi nenhum damno lhe fez.

IX.

Convento de S. Francisco da Cidade; hoje a Academia de Bellas-Artes. Ali o curioso viajante encontrará pinturas de alto merecimento, dos célebres auctores — Rafael, Miguel-Angelo, Van-Dyk, do Grão-Vasco portuguez, Vieira Luzitano e Affonso Sanches Coelho. Tem os bustos do Infante D. Henrique, de Camões, D. João de Castro, Vasco da Gama e de Affonso d'Albuquerque.

X.

Torre do Tombo, no Convento de S. Bento; onde estão todos os papeis antigos e mais notaveis do Reino, desde o principio da Monarchia portugueza. Existem ali objectos antigos e documentos preciosos sobre a historia de Portugal; e é por sem duvida o lugar mais curioso para ser visto pelo viajante, amante de antiguidades.

XI.

Museu publico de Lisboa, no convento de Jesus; enriquecido com preciosidades raras de todo o género. E' lugar onde o visitante empregará com summo gosto horas esquecidas em suas investigações.

XII.

Real Palacio das Necessidades, habitação predilecta que foi, da grande Rainha de eterna e saudosissima lembrança D. Maria II; é hoje aonde reside o nosso adorado e actual Monarcha o Senhor D. Pedro V. Foi fundado este Palacio pelo magnanimo Rei D. João V.

XIII.

Real Palacio da Bemposta, edificado em 1640 pela Infanta de Portugal D. Catharina, mulher que foi de Carlos II Rei de Inglaterra. E' notavel por

ali ter fallecido El-Rei D. João VI em 10 de Março de 1826.

XIV.

Real Palacio de Queluz, distante 2 leguas de Lisboa, fundado por El-Rei D. Pedro III. Tem junto uma grande e extensa quinta, com o mais elegante jardim que se encontra em Portugal. Ali se vê na capella uma rica columna de ágatha, dada pelo Pontifice Pio VII a El-Rei D. João VI. Foi neste aposento que nasceu, e depois morreu, o primeiro Imperador do Brazil, quarto no nome Rei de Portugal, D. Pedro Duque de Bragança; vendo-se ainda a sala e cama em que falleceu no dia 24 de Setembro de 1834.

XV.

Real Palacio d'Ajuda, fundado por El-Rei D. João VI no tempo da sua regencia. Ainda não está completo, porém é um dos Palacios reaes mais elegante e magestoso da capital.

XVI.

Real Palacio e Quinta de Belém, edificado por El-Rei D. João V; notavel pelo seu grande e espaçoso jardim, e vasto circulo para corridas de cavallos.

XVII.

Real Palacio de Caxias; notavel pela rica cascata e vistoso mirante. Foi este palacio habitação pre-

dilecta do Infante D. Miguel de Bragança que foi Rei.

XVIII.

Igreja da Estrella, fundada pela memoravel Rainha D. Maria I em 1779. — E' uma das Igrejas de Lisboa que está em mais agradavel situação, e tem magnifica fabrica.

XIX.

Passeio da Estrella, collocado no melhor e mais pitoresco local da capital, e que, por sem duvida, o viajante gostará de frequentar; mesmo para ver a gruta romantica e o pavilhão chinez que ali se encontra. Foi este passeio concluido no reinado da Senhora D. Maria II, e para o qual contribuio com grande donativo um benemerito cidadão portuguez, residente, e negociante na praça do Rio de Janeiro.

XX.

Passeio Publico, que gosando de uma agradavel situação, tem ali que ver o viajante as duas estatuas grandes de pedra, representando o Tejo e o Douro.

XXI.

Magnifico Theatro Real de S. Carlos, construido em seis mezes pelo risco dado pelo architecto portuguez José da Costa e Silva, abrindo-se ao publico em 1793. Passa por um dos melhores theatros lyricos domundo.

XXII.

Theatro de D. Maria II, de moderna construcção; sendo concluido em 1847, reinando a bondosa Rainha D. Maria II. E' obra primorosamente executada, onde se admira a elegancia das estatuas que o embellezão no seu exterior, e a mais rica decoração no interior do edificio. Tem no centro a estatua do poeta, comico portuguez Gil Vicente.

XXIII.

Arsenal do exercito, fundado em 1760, pelo grande Marquez de Pombal. Ali se vê a grande Peça de Diu, que tem 27 palmos e 3 polegadas de comprimento por 7 e 9 de largo.

XXIV.

Cordoaria, fundação da Rainha D. Maria I, onde se fabrícão os cabos e lonas para a armada portugueza; e tem outras officinas que lhe são inherentes.

XXV.

Mosteiro e Igreja de Santa Maria de Belem, fundado na primitiva, pelo Infante D. Henrique no XV seculo, e depois edificado em grande escala por El-Rei D. Manoel nos annos de 1498-1500-a-1511; o qual mandou eregir a fabrica primorosa que ali se vê: sendo admiravel o primor da sua feitura,

executado pelo grande artista portuguez João de Castilho. Foi consagrada esta grandissima e primorosa obra á memória do descobrimento da India, e do Brazil, pelos memoraveis capitães portuguezes — Vasco da Gama — Seu Irmão. Nicoláo Coelho — e Pedro Alvares Cabral. Concluido depois o grande edificio por El-Rei D. João III, foi dado aos frades Jeronimos.

XXVI.

Busto do grande Infante D. Henrique, em corpo inteiro, vestido de arnez, grevas e de cota d'armas, que está na Igreja de Belem.

XXVII.

Altar de pedra desguarnecido, que está por baixo do Oratorio do Senhor dos navegantes, na Igreja de Belem, que diz a tradicção: foi este memorando altar o proprio em que se disse a missa de despedida, quando o grande Vasco da Gama com a frota que commandava foi descobrir a India, passando o Cabo Tormentoso ou da Boa Esperança. — Dia 8 de Julho de 1497.

XXVIII.

Túmulos curiosos e dignos de serem vistos, que estão no convento de Belem; os dos Reis D. Manoel, D. João III, e D. Affonso VI, que morreu em duro captiveiro no palacio de Cintra, e para este

lugar foi trasladado, e está em mausoléu de madeira; os das Rainhas, mulheres dos dois primeiros, D. Maria e D. Catharina; os das Infantas D. Izabel, D. Brites e D. Joanna; os dos Infantes D. Filippe, D. Affonso, filhos estes de El-Rei D. João III, D. Diniz, D. Antonio, D. Manoel, D. João pai do infeliz Rei D. Sebastião, e de D. Theodozio filho d'El-Rei D. João IV. Ali se vê tambem uma urna contendo ossos que se suppoem ser os do infeliz Rei D. Sebastião; mas como esta acquisição foi feita no tempo dos Filippes de Castella, que dominárão em Portugal, não se a credita serem os verdadeiros restos mortaes do dito Rei, morto no combate de Alcacer Quibir. Em 1582 chegárão a Lisboa, enviados pelo Xarife, esses ossos que dizião ser os daquelle infeliz Rei, conservando-se a incerteza a tal respeito, pela inscripção que tem a urna, a qual diz assim:

« Condifur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Lybicis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui vivere credit,
Prolege extincto mors quasi vita fuit.

A primeira expedição para Africa, com a força de 8,000 homens, que El-Rei D. Sebastião commandava, foi em 1574, dirigindo-se a Tanger; voltando a Lisboa no mesmo anno. A segunda expedição, com a força de 18,000 homens, commandada tambem pelo dito Rei, fez-se de vela do porto de Lisboa no dia 24 de Junho de 1578, e em 4 de Agosto desse anno deo-se a infeliz batalha onde morreu o valeroso e desventurado Rei D. Sebastião, tendo 24 annos de idade; proferindo no campo da

batalha as memoraveis e ultimas palavras que a historia nos transmitte, da fórma seguinte: — « Tendo o intrepido Luiz de Brito segurado o estandarte correo para El-Rei que lhe perguntou se se tinha salvado a bandeira.— Ei-la aqui, senhor, guardada por um braço que sabe menear a lança,— ao que respondeo D. Sebastião — Abracemo-la, e com ella exhalemos o derradeiro suspiro!!!...

XXIX.

Rico Sacrario, chapeado todo e floreado de folha de prata de lei, que se vê na Igreja de Belem, obra primorosamente acabada no XVII seculo, e que se diz ser feita pela grande artista portugueza Josefa d'Obidos. Tem a inscripção seguinte — « O Principe D. Pedro Que Deos Guarde, Deu Este Sacrario A Este Real Mosteiro de Belem No Anno de 1675. »

XXX.

Rica e primorosa Custodia na Igreja de Belem, feita pelo artista portuguez Gil Vicente, filho do poeta e primeiro comico que houve em Portugal; a qual Custodia foi fabricada com o primeiro ouro que o grande Vasco da Gama trouxera de Quilôa, pela segunda vez que veio da India; e foi doada ao Mosteiro de Belem por El-Rei D. Manoel.

XXXI.

Sala dos Reis no Mosteiro de Belem, onde o curioso visitante encontrará, primorosamente pintado a caracter, os retratos de todos os Reis de Portu-

gal em corpo inteiro, desde D. Affonso Henriques até D. João VI.

XXXII.

Um busto de marmore branco representando Martim Moniz, que está sobre a porta do nome deste heróe portuguez, no Castello de S. Jorge: obra esta do tempo de El-Rei D. Affonso Henriques.

XXXIII.

Túmulo de Mendo de Foios Pereira, magistrado probo e insigne varão portuguez, que foi ministro d'estado de El-Rei D. Pedro II, o qual está na Igreja da Graça. Deixou por sua morte uma rica baixella de prata para se fazerem os vasos sagrados do Culto Divino daquelle templo.

XXXIV.

Reliquia preciosa da cana verdadeira de um braço do Martyr S. Vicente, que está na Igreja da Graça. Foi esta preciosa reliquia salva de um incendio que houve na Sé, e que infelismente reduzio a cinzas o túmulo e corpo daquelle Santo.

XXXV.

Igreja parochial de Santa Engracia, templo com um plano gigantesco e sumptuoso, lançando-lhe El-Rei D. Pedro II a primeira pedra em 1632; aqual ainda senão completou, ficando dahi nascido o proverbio — *As obras de Santa Engracia* — para se

conhecer de grande escala projectadas, obras nunca acabadas.

XXXVI.

Memoravel cadeira de S. Gens, que foi bispo de Lisboa, e que está na Igreja de Nossa Senhora do Monte, edificada em 1243; onde o veneravel Santo Prelado se assentava para fazer as suas prédicas.

XXXVII.

Jacaré monstro de 1597 — que existe na Igreja da Penha de França. Conta-se a respeito deste bicho o seguinte: « Um perigrino indo em romaria á antiga capella que ali estava, a fazer oração a Nossa Senhora, achando-se fatigado se deitára a dormir, e que então o tal grande jacaré estava proximo a devorar aquelle romeiro, quando a Santa Virgem, apparecendo no cume do monte, acordára o seu devoto, libertando-o daquelle perigo; o medonho amphibio foi morto, e ali ficou para commemorar este milagre. »

XXXVIII.

Imagens curiosas feitas por um voto religioso, sendo a de Nossa Senhora da Penha de França e de S. João Baptista, que estão na capella da mesma invocação de N. S., cuja pedra fundamental foi lançada em 25 de Março de 1597, pelo seu fundador Antonio Simões, artista dourador natural de Lisboa. Diz a tradicção a respeito destas duas imagens o seguinte: « Que tendo hido Antonio Simões com o

infeliz Senhor Rei D. Sebastião á batalha d'Alcacerquibir, fez um voto a Nossa Senhora, de fazer certo numero de imagens, se o livrasse do perigo da guerra, voltando a salvamento a Portugal; o que se effectuou, e por semelhante motivo, fez aquellas duas imagens. » Existem nesta igreja quatro quadros primorosos, do famoso pintor portuguez Bento Coelho; representando a Annunciação, Visitação, Apresentação, e Disposorios de Nossa Senhora.

XXXIX.

Túmulo de Antonio Cavide, mestre de El-Rei D. Pedro II, que está na casa dos milagres da capella de N. S. da Penha de França. Este célebre portuguez, em 1625, deixou instituido rendimento para dizer-se annualmente duas missas por alma d'El-Rei D. João IV, e uma por todos aquelles christãos que fallassem a lingua portugueza!..

XL.

Duas estátuas de pedra que estão á entrada do Jardim Botanico, e que fôrão achadas em 1785, junto a Montalegre, e que se jûlgão anteriores ao dominio carthaginez. São antiquissimas!..

VILLA DE CINTRA.

A cinco leguas de Lisboa, com perto de 2,450 habitantes, e onde a 30 de Agosto de 1808 Junot assignou com os Inglezes uma convenção para a evacuação de Portugal. As vias de communicação entre ella e Lisboa são fáceis e boas.

XLI.

Real palacio de Cintra, na serra deste nome,

obra primorosa e antiquissima, tendo sido a segunda Alhambra dos Reis Mouros de Lisboa. E' notavel a sua architectura, composta de varias ordens e de tempos remotos; sobresahindo as suas altas fuminés cónicas! suas janellas mouriscas, lavradas com o mais apurado gosto arabe, apresentando troncos entrelaçados sem folhas, que, esculpidos em pedra, fazem nascer a admiração no viajante que contempla tanta belleza!.,. Este magnifico palacio foi reedificado por El-Rei D. João I, e depois successivamente augmentado pelos outros Reis de Portugal até D. Manoel (1.507). Tem um terreiro na entrada, que ainda conserva o nome de Meca, expressão mourisca. E' muito curiosa a sala denominada dos — Abenceragens — tribu infeliz, que foi assassinada por ordem d'El-Rei Boabdil — em seu pavimento de marmore branco. São tambem interessantes as salas da audiencia, das armas, onde estão desenhados todos os brazões da fidalguia portugueza, commemorando os feitos das batalhas por elles alcançadas; a sala da galé, o camarim, a casa dos banhos, e finalmente o jardim da Lindaraia onde vinhão as Mouras voluptuosamente respirar o ar e gozar da bella e encantadora fragancia da atmosphera de Cintra. Tem este palacio pinturas do pincel Oriental, ainda bem conservadas, dignas de serem vistas para se admirar a graça e o primor com que fôrão executadas. Em 4 de Dezembro de 1385 El-Rei D. João I fez doação destes paços ao Conde D. Henrique.

XLII.

Sala das Pêgas, no real palacio de Cintra, mandada preparar por El-Rei D. João I, á qual anda ligada a seguinte tradicção: « Sendo encontrado El-Rei D. João I, por sua mulher a Rainha D. Filippa, beijando uma das suas damas, disse este Monarcha que o tinha feito — por bem — e com esta legenda mandou edificar uma sala, cujo tecto é pintado de pêgas (ave), para que esta ave, como falladora, apregoasse a sua innocencia e a pureza, injustamente manchada, daquella dama. »

XLIII.

Quarto ou saleta, onde o infeliz Rei D. Affonso VI passeava no palacio de Cintra, quando ali encerrado, na época em que foi desthronado. Nos ladrilhos desse quarto ainda se conhecem alguns delles gastos pelo contínuo movimento em passeio que o dito Rei fazia em distracção de seu captiveiro. Na janella desse aposento se vê ainda os signaes da grade de ferro que lhe pozérão. Está na capella mór da Igreja deste recinto uma abertura na parede do côro por onde este infeliz Rei ouvia missa, para não ser visto do povo.

XLIV.

Memoravel cadeira que está no palacio de Cin-

tra, onde o infeliz Rei D. Sebastião déra a ultima audiencia proximo á sua sahida de Portugal e desventurada viagem para Africa, onde morreu.

XLV.

Castello mourisco em ruinas na serra de Cintra, n'um dos cumes elevados da montanha: obra esta admiravel pela sua antiguidade.

XLVI.

Templo consagrado a Nossa Senhora da Pena, que está collocado n'um dos cumes da serra, fronteiro ao em que está o castello mourisco; gozando-se ali da vista mais longiqua e pittoresca que é possivel conceber-se.

XLVII.

Quinta da Regaleira; assim chamada pelo regalo que ali se encontra em seu delicioso e ameno territorio, e bondade de suas aguas. Tem junto um passeio frequentado pelo melhor público que apparece em Cintra.

XLVIII.

Palacio dos Seteaes, pertencente á casa da Marqueza de Louriçal, obra de elegante architectura, e onde se encontra duas alamedas, n'um vasto largo, que serve de passeio predilecto do povo.

Tem este palacio, no centro de um arco, os bustos de El-Rei D. João VI e da Rainha sua mulher D. Carlota Joaquina.

XLIX.

Mosteiro da Pena, que foi da Ordem de S. Jeronymo, proximo ao castello dos Mouros na serra de Cintra; fundado por El-Rei D. Manoel, em 1503, onde passa por certo se gastára mais de trinta mil cruzados em ouro. Está na Igreja deste mosteiro, um dos mais ricos sacrarios que existe em Portugal; obra primorosa, toda feita de pedra jaspe e alabastro: tem o letreiro seguinte: « El-Rei D. João III, filho d'El-Rei D. Manoel, neto de D. Fernando, bisneto de D. Duarte, e 3.º neto d'El-Rei D. João I, rei de Portugal e dos Algarves, Africa, Ethiopia, Arabia, Persia e India, pelo feliz parto da rainha D. Catharina, sua incomparavel consorte, nascendo o principe D. Manoel, dedicou esta obra no anno de 1532.

L.

Igreja antiga e parochial (freguezia de Santa Maria), proximo á villa de Cintra; templo que se suppõe foi mesquita de Mouros, e que depois foi reedificado por El-Rei D. Affonso Henriques, quando conquistou Cintra aos Mouros.

LI.

Castello dos Mouros nas fraldas da Serra, onde

ainda se vê vestigios de obras lavradas pelos Sarracenos. El-Rei D. Sancho I o reformára. Foi neste castello que esteve de governador em 1383 o conde de Cêa D. Henrique de Vilhena, ao tempo do cerco de Lisboa pelos Castelhanos, o qual seguia o partido de Hespanha; pórém o grande condestavel do reino D. Nuno Alvares Pereira o tomou de assalto tãosómente com 300 de seus valentes soldados.

LII.

Quinta da Penha Verde, do grande D. João de Castro 4.° Vice-Rei da India, de eterna e saudosa memória. Está no alto da Serra, e foi para onde se retirou este grande homem e capitão portuguez depois que completou as campanhas da Africa, entregando-se nesta solitária habitação ao exercicio e contemplação da nossa crença religiosa e ao cultivo de arvores silvestres. Muitas vezes foi neste lugar visitado por El-Rei D. João III que o consultava sobre altos negocios do estado.

LIII.

Duas memoraveis lápidas, que estão proximas á Ermida de Nossa Senhora do Monte, na quinta de D. João de Castro, e que fôrão por elle trazidas da Asia em memória de victórias que ganhou. Tem ellas curiosos emblemas, representando alegorias da Caridade, do Dia e da Noite. No recinto desta memoravel quinta poderá o curioso viajante encon-

trar tudo quanto é desejavel á contemplação do nosso culto religioso; como sejão várias ermidas edificadas pelo inclito D. João de Castro e outras pelo Bispo inquisidor D. Francisco de Castro, neto daquelle; tendo nestas distincto lugar a ermida encortiçada, onde se vê as armas de — Castros e Saldanhas — e no chão uma pedra raza, sepultura do coração de Antonio de Saldanha.

LIV.

Canela de um gigante, que está n'uma das salas da quinta de D. João de Castro, a qual se torna notavel por ter sido mandada analysar por El-Rei D. João V; concordando-se na reunião do physico-mór do reino com os demais professores ser de corpo humano; tem 2 1/2 palmos de comprido e grossura correspondente.

LV.

Conventinho da Cortiça, no lugar de Monserrate, obra curiosa toda feita em ponto pequeno, com as commodidades necessárias para habitação de frades arrábidos, e para celebrarem-se os officios religiosos. Está collocado em cima de rochedos, donde se goza de um panorama encantador. Ali se vê uma mesa de pedra que está na cerca deste pequeno convento, onde (dizem) comia El-Rei D. Sebastião todas as vezes que visitava aquella casa.

LVI.

Arco e casa de campo do Marquez de Pombal em Cintra; que possue uma architectura antiga e magestosa. Lugar este onde aquelle grande heróe se entregava ás consultas das grandes emprezas que seu grande genio projectava. Em Santa Apolonia, na habitação deste heróe, diz um habil escriptor o seguinte — « Na extremidade destes magnificos aposentos está o santuario que encerra o homem, cujo nome, pronunciado por toda a parte com enthusiasmo ou com terror, enche os dous mundos. » —

LVII.

Cascata grandiosa e pittoresca, na encosta da Serra, proximo á casa de campo do Marquez de Pombal, a qual, recebendo as aguas do alto da montanha, fórma a mais engraçada vista que é possivel imaginar-se.

LVIII.

Palacio e Quintas do Ramalhão na freguezia de S. Pedro de Penaferrim, proximo á Serra, onde esteve reclusa a rainha D. Carlota Joaquina, mulher de El-Rei D. João VI.

LIX.

Sepultura de dous irmãos, do XV seculo, proximo ás quintas do Ramalhão em Cintra: tem na campa, que é de pedra, esculpido uma simples

cruz da ordem do templo, e conta-se a respeito della o seguinte — « Que fôrão dous irmãos que trazião amores com uma dama que ali habitava, e uma noite, desencontrando-se, um delles matou ao outro, persuadido lhe disputava a mão da sua dama, e que reconhecendo ser seu irmão que havia morto, ao qual muito amava, se suicidára com o mesmo ferro fratricida, e ali jazem ambos. » —

VILLA DE COLLARES

Proximo a Cintra 1 legua, e 6 de Lisboa.

LX.

Varzea de Collares, proximo á villa deste nome, a qual se torna digna de ser visitada pelo curioso viajante em consequeucia de sua encantadora paysagem, puras aguas, deliciosas fructas e grande abundancia de vinhas, donde se fabríca o bem conhecido vinho de Collares.

LXI.

Ermida de Nossa Senhora da Peninha, collocada sobre um rochedo proximo á villa, fundada no reinado de El-Rei D. João III. Diz a tradicção a respeito desta capellinha o seguinte: « Havia naquelles contornos uma pastorinha muda de nascença, e que um dia pastoreando o seu rebanho lhe fugira uma ovelhinha branca que ella muito estimava, a qual foi parar na altura do pinhasco. Ali a foi buscar a pastorinha toda chorosa, e cançada pelo graude trabalho que teve até lá chegar. Naquelle rochedo encontrou uma menina

muito formosa que segurava a ovelhinha, a qual perguntou á pastorinha o que buscava: esta recebendo a falla pelos impulsos da voz soberana que lhé fallava, lhe respondeu que aquella ovelhinha lhe havia fugido ao seu rebanho. A esta resposta lhe disse a formosa menina que a levasse á sua mãe, e lhe dissesse que lhe désse pam. » Assim no tempo do Cardeal rei teve grande concorrencia dos povos daquelles contornos, esta devotissima ermida.

LXII.

Castello antigo denominado de Albornoz, do qual a historia conta a seguinte narração: « Uma dama Allemã condeça de Campa, tendo viajado até estas paragens, attraida da amenidade do sitio resolveo comprar essas terras a Zeilão, senhor de Lisboa, o qual annuio á venda por 100 pesos de ouro e 500 de prata. Não tendo a condeça o dinheiro necessario lho deo em pinhor tres collares de ouro, com a condição de que não sendo resgatados em tres annos ficarião pertencendo ao dito Zeilão. Effectuada a compra a condeça logo tratou com o seu povo de edificar o castello, ao qual em memória do pinhor chamou-se — Colir — e junto delle depois se edificou a povoação que hoje se chama Collares. Sopoem-se que aquelle nome que hoje tem o castello de Albornoz seria a denominação do senhor mouro desta villa. E certo que no tempo do Senhor Rei D. João III havia um fidalgo portuguez chamado Martim de Albornoz. »

LXIII.

Pedra de Alvidrar, proximo á villa no lugar de Almocegeme: é admiravel este grande dispenhadeiro, que de grande altura vai tocar no Oceano.

que assim mesmo os habitantes dali, a troco de algumas moedas de cobre, descem por ella até sua extremidade, com grande risco de vida.

LXIV.

Convento e Igreja de Sant'Anna, principiado pelo mestre Henrique, physico-mór no tempo de El-Rei D. Duarte em 1436 — depois concluido em 1449, por authorisação da rainha D. Izabel mulher de El-Rei D. Affonso V, que o entregou á ordem Carmilitana sob a direcção do padre D. Fr. Constantino Alvares Pereira, sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que ali falleceu aos 14 de Fevereiro de 1465.

LXV.

Ermida de Nossa Senhora de Milides, proximo á villa, antiquissima, cuja fundação data do principio da monarchia portugueza. o nome que tem lhe foi posto por causa de um facto que a tradicção conta da seguinte fórma: « Vinte portuguezes tentárão atacar o exercito mouro em numero grande. Segundo o uso desses tempos antigos, fizerão primeiramente oração no campo da batalha; e eis quando no meio da qual ouvem uma voz que lhe dizia — Ide, que mil ides. — Os guerreiros portuguezes electrisados por esta voz magica dão sobre os mouros com tal impeto que os desbaratárão, vencendo este ataque, pelo que rendem depois graças a Deos de tão portentosa victoria, e se edificou aquella ermida com a invocação de N. S. de Milides.

VILLA DE TORRES VEDRAS.

Proximo a Lisboa 7 leguas.

LXVI.

Linhas de fortificação proximo a Torres Vedras, começando estas na villa d'Alhandra, feitas sob plano do general inglez Duque de Wellington, que foi marquez desta villa (1810). Servírão estas fortificações para combater a invasão do exercito francez no tempo de Napoleão I, que entrou em Portugal; chamada a guerra da peninsula em 1807 até 1814: nas quaes se julga gastou-se para mais de 700 contos de réis.

LXVII.

Aqueducto na villa, obra antiga e admiravel pela sua construcção, Tem junto um castello antigo com tres cisternas e um caminho subterraneo, que se suppõe désce até ao rio Sisandro: ali se vê as armas reaes de El-Rei D. Manoel.

LXVIII.

Igreja e convento de Nossa Senhora dos Anjos, proximo á villa, fundado em 1570 pela grande princeza portugueza D. Maria, ultima filha de El-Rei D. Manoel; donataria da villa e de grande nomeada pelo seu muito amor e dedicação ás letras.

LXIX.

Igreja e convento do Varatojo da Regra de St. Antonio, proximo á villa: notavel pelos grandes prégadores que sahirão daquelle recinto. Foi fundada por El-Rei D. Affonso V em 1470.

LXX.

Igreja e convento dos eremitas calçados de St. Agostinho, proximo á villa, fundada em tempo de El-Rei D. Affonso III. Foi delle prelado S. Gonçalo de Lagos, sendo agora o patrono da villa, desde 1495.

LXXI.

Hospital militar para invallidos, fundado pela princeza do Brazil a senhora D. Maria Francisca Benedicta, no anno de 1792. Está uma inscripção na frente deste edificio que diz assim: « A Serenissima Princeza do Brazil a Senhora D. Maria Francisca Benedicta, Viuva do Serenissimo Principe o Senhor D. José, de saudosa memoria, Filha do Senhor Rei D. José I Liberal, e piedosa com os benemeritos da patria, fundou este sumptuoso edificio a bem dos soldodos invallidos.—Principiou-se aos 18 de Junho de 1792, anno XVI do reinado da Senhora D. Maria I, Rainha Fidelissima, Augusta Irmã de Sua Alteza Real.

VILLA DE MAFRA

Proximo a Lisboa cinco leguas.

LXXII.

Real Basilica de Mafra, na villa deste nome;

obra sumptuosa e digna por sem duvida da maior admiração, mandada edificar por El-Rei D. João V que lhe lançou a primeira pedra em 17 de Novembro de 1717, com a qual solemnidade gastou este monarcha 200 mil cruzados!... Durárão as obras grandiosas desta Basilica, e 2 palacios que juntos tem, 13 annos, sendo sagrada a igreja em 22 de Outubro de 1730, e trabalhárão nessas obras perto de 25 mil operarios diariamente! elevando-se este grande pessoal de trabalho a 45 mil individuos no ultimo anno de sua conclusão; entrando neste numero 7 mil soldados do exercito portuguez. Foi aquella gigantesca obra um prodigio de gastar milhões de cruzados. O Monarcha fundador deu a este templo as alfaias mais ricas que talvez existissem em igreja alguma do mundo, guarnecidas com pedraria de subido valor, todas para uso do Culto Divino, a ponto que no dia da festa da sagração do templo mandou Sua Magestade fazer exposição dessas alfaias, no adro da Igreja; e assim disse aos homens da côrte que estavão em seu sequito — « Admirai, e sabei que tudo quanto vedes diante de vós me custou mais caro do que a vasta machina de pedra que nos cerca. »

Neste memoravel edificio foi fundada em 1855 por El-Rei actual o Senhor D. Pedro V uma escola de instrucção primaria para meninos pobres, que, a expensas do real bolsinho particular, do mesmo Bemfazejo e Augusto Monarcha, é sustentada esta grande e caridosa Academia, onde a mocidade desvalida aprende — leitura — escripta — arithmetica — historia — e outros preparatorios.

VILLA D'OBIDOS

Proximo a Lisboa doze leguas.

LXXIII.

Aqueducto extra-muros da Villa d'Obidos, digno por certo de toda a attenção, tendo meia legua de comprimento, e foi mandado construir pela Rainha D. Catharina, de grata memoria para os Portuguezes.

LXXIV.

Castello da Villa d'Obidos, mandado levantar por El-Rei D. Diniz. As armas desta villa tem por brazão a rede de um pescador, em memoria de uns pobres pescadores dali terem conduzido o infante D. Affonso que morreu da queda dada de um cavallo abaixo. Este principe era filho d'El-Rei D. João II e da Rainha D. Leonor.

LXXV.

Quadros de pinturas magnificas que se encontrão em algumas igrejas e mesmo casas particulares, na villa d'Obidos, do pincel da insigne artista portugueza Josefa d'Ayala nascida naquella villa.

LXXVI.

Igreja do Senhor da Pedra, no arrebalde da villa. Templo moderno e sumptuoso, lançando-se-lhe a

primeira pedra em 21 de Dezembro de 1740; importando esta obra para mais de 200 mil cruzados; concorrendo com grandes donativos para este fim El-Rei D. João V.

LXXVII.

Quinta das Janellas, proximo á villa, onde se encontra banhos de caldas; tendo casa de banho e abafo; e passão por muito efficazes nas molestias nervosas. Morreu nesta quinta o infante D. Francisco, irmão d'El-Rei D. João V, em 21 de Julho de 1742.

CIDADE DE LEIRIA

Distante de Lisboa 22 leguas. Com 2,500 habitantes. Na provincia da Extremadura. Bispado. D. Affonso Henriques a tomou aos Mouros, mas estes a reconquistárão para serem vencidos pelos Christãos no seculo XIII no tempo de D. Sancho I.

LXXVIII.

Castello antigo, que se suppõe ser do tempo dos agarenos, e conquistado por El-Rei D. Affonso Henriques em 1135, de que a tradicção conta o seguinte — « Tendo El-Rei acampado com seu exercito em uma altura ou colina proximo á cidade, e que hoje denominão — a cabeça d'El-Rei — veio pousar um corvo na copa de um alto pinheiro, e assim que os mouros começárão a peleja, o corvo começou a bater as azas, e a gritar como de contente: então os valorosos soldados portuguezes, tomando este caso por bom agouro, arremetterão com todo o impeto á porta da traição, e assim ga-

nhárão a fortaleza e a victoria.—Deste acontecimento toma Leiria por armas—um corvo sobre um pinheiro.—Neste castello habitou algum tempo em seus aposentos El-Rei D. Diniz, com sua esposa a grande rainha Santa Isabel. Nesta cidade funcionárão as Côrtes dos tres estados em tempos dos Reis D. Affonso III em 1254—D. Fernando em 1376—D. Duarte em 1437. Foi ali creado o 1.° Duque de Bragança D. Affonso.

LXXIX.

Pedras tumulares de marmore branco e veios encarnados, que se descobrírão proximo ao castello da cidade, e que se suppõe do tempo dos Romanos, e se diz a respeito o seguinte—« Tito Avito Aviciano, prefeito dos mantimentos, e generos cereaes, authoridade romana neste departamento, erigiu estes monumentos aos manes de sua familia. »

LXXX.

Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, no monte do castello, que hoje é cathedral; edificada por El-Rei D. Affonso Henriques, que a doou a S. Theotonio, 1.° prior de Santa Cruz de Coimbra. E' curiosa a sua fabrica, e veneranda pela sua antiguidade.

LXXXI.

Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, edifi-

cada na altura de um outeiro, proximo á cidade, da outra parte do rio. E' obra de vistosa e moderna architectura, notavel pela grande romaria que annualmente ali se faz, tradicção antiga do povo.

LXXX II.

Igreja e convento de S. Francisco, fundado por El-Rei D. João I em 1384, por memoria de casar com a rainha D. Filippa sem dispensa, sendo este monarcha professo na ordem militar de S. Bento d'Aviz.

LXXXIII.

Palacio episcopal, residencia do bispo : é um bom edificio, collocado em uma eminencia da cidade, onde se gosa de bella paisagem. Estão neste recinto pinturas de muito merecimento.

LXXXIV.

Igreja e convento de Sant'Anna, de religiosas dominicanas, fundado em 1494 pela virtuosa fidalga portugueza D. Catharina de Castro filha de D. Fernando de Castro, II Duque de Bragança.

LXXXV.

Igreja e convento de Santo Antonio, fundado pelo insigne e virtuoso portuguez Pedro Vieira da Silva, Secretario d'Estado d'El-Rei D. João IV. Este

varão, tendo enviuvado de D. Luiza de Noronha, se fez clerigo, e veio depois a ser Bispo de Leiria. Tem neste convento o seu retrato em ponto grande.

CIDADE DE THOMAR.

Distante de Lisboa 27 leguas. 3,800 habitantes. Residencia do Prior da ordem de Christo.

LXXXVI.

Castello de Ceras, proximo ás ruinas da antiga Nabancia, e fica separado deste lugar pelo rio Nabão: foi fundado pelo valoroso grão-mestre da ordem dos Templarios, D. Galdim Paes, em os annos de 1147.

LXXXVII.

Inscripção em pedra, que se vê proximo ás escadas do adro no convento da ordem de Christo, vendo-se a repetição deste inscripto no lugar chamado — Porta da Rainha —, a qual diz o seguinte: « Que a então villa de Thomar se começou a edificar no 1.° de Março da era de Cezar de 1198, que corresponde ao anno de Christo 1160. »

LXXXVIII.

Castello d'Almeirol, que foi tomado aos Mouros pelo Mestre D. Galdim Paes. Fizerão-se ali prodigios de valor na guerra que Miramolim, Rei de Marrocos, lhe fez em 1190; sitiando não só este castello, como a mesma cidade, com um exercito

Mouro de 50 mil infantes e 40 mil cavallos, reinando já em Portugal D. Sancho I.

LXXXIX.

Igreja e convento da Ordem de Christo, reedificado em 1319 por El-Rei D. Diniz; tendo sido a sua capella-mór antigamente deleniada e mandada fazer pelo Gram Mestre dos Templarios D. Galdim Pais, e depois mais tarde o corpo da igreja e côro mandados construir por El-Rei D. Manoel; e a mais fábrica e officinas do convento, são obras mandadas executar pelos Reis D. João III e D. Sebastião. Este edificio, é digno de ser visitado, para nelle se ver e admirar obras de primor e antiquarias. Neste convento se hospedárão varios reis de Portugal e de Castella; e ali se celebrárão as Côrtes portuguezas de 1581, em que, infelizmente, foi acclamado Rei de Portugal Filippe II de Castella e I deste reino. — Captiveiro funesto de 60 annos para Portugal, que esteve sujeito á Espanha. — O maioral deste convento gosava do titulo de D. Prior e de geral da Ordem de Christo.

XC.

Igreja e convento de Santa Iria, edificado em 1476 no lugar em que esteve em tempos mais remotos um mosteiro da Ordem Benedictina. Torna-se notavel esta casa por ter sido ali o martyrio da gloriosa virgem Santa Iría.

CIDADE DE COIMBRA.

Distante de Lisboa 35 leguas sobre o rio Mondego. — onde está, desde 1308, a Universidade, que unica é de Portugal, tendo estado antes na capital. — Foi muito forte no tempo dos Romanos; destes foi tomada pelos Godos, a quem a tomárão os Mouros para entrega-la aos Christãos. Tornou-se então a residencia dos Reis, de cujos tumulos é ainda a guarda. Soffreu muito no terramoto de 1755 — E' celebre por ter sido o theatro dos amores de D. Pedro e da infeliz D. Ignez de Castro.

XCI.

Mosteiro antigo de Santa Cruz, fundação de El-Rei D. Henriques; obra magestosa e veneranda pela sua antiguidade. O seu templo é vasto e digno de ser visto pelo viajante que for apaixonado de monumentos antigos e architectonicos.

XCII.

Túmulos respeitaveis e preciosos, onde descansão os venerandos restos mortaes dos dois primeiros reis de Portugal D. Affonso Henriques e seu filho D. Sancho I; os quaes estão um em cada lado da capella mór na igreja de Santa Cruz. Estes memoraveis mausoléos fôrão mandados fazer por El-Rei D. Manoel, de grata memoria.

XCIII.

Ponte grandiosa, e a mais formosa de Portugal, sobre o memoravel e saudoso rio Mondego; foi

mandada edificar por El-Rei D. Affonso Henriques, mas após dessa edificação suppõe-se terem-se mandado construir mais duas pontes uma sobre outra, e que as cheias do rio tem por vezes submergido; sendo a que agora existe, do tempo d'El-Rei D. Manoel.

XCIV.

Universidade de Coimbra; vasto edificio, que já teve a denominação de — Paços Reaes — fundada por El-Rei D. Diniz em 1308.

XCV.

Observatorio astronomico: E' por sem duvida um dos mais curiosos edificios que existe em Portugal neste genero, devido ao grande genio do Marquez de Pombal. Ali se vêem e se encontrão objectos admiraveis, pertencentes á sciencia astronomica.

XCVI.

Quinta das Lagrimas na margem do Mondego com seu palacio recordativo! Habitação que foi da linda e infeliz D. Ignez de Castro... onde foi apunhalada esta desventurada fidalga portugueza, que depois de morta foi rainha!!!

Aos montes ensinando e ás ervinhas.....
O nome que no peito escripto tinhas....
. . . .

(CAMÕES.)

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle, que depois a fez Rainha.
. . . .

(CAMÕES.)

XCVII.

Fonte dos Amores, de grata e saudosa recordação!... por ser aquella onde a linda Ignez de Castro, Rainha e mulher de El-Rei D. Pedro I, passava os momentos mais amorosos na companhia de seu idolatrado esposo. Está nas margens do Mondego na cidade de Coimbra.

O nome lhe pozérão que ainda dura,
Dos amores de Ignez que ali passárão.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e nome amores.

(CAMÕES.)

XCVIII.

Igreja e parochia de S. Christovão, chamada a Sé Velha; curiosa pela sua antiguidade, que se julga datar do tempo dos godos. Sua architectura não se assemelha com outro algum edificio conhecido.

XCIX.

Antigos vestigios do castello de Martim de Freitas, Alcaide-mór de Coimbra; está proximo ao novo observatorio, onde foi dada aquella acção heroica

deste grande portuguez !... que para entregar as chaves deste castello, foi preciso ir á cidade de Toledo na Hespanha ver o féretro venerando d'El-Rei D. Sancho II, a quem este alcaide-mór havia prestado juramento de fidelidade.

C.

Carceres da Inquisição, onde se vêem seus corredores escuros e prizões terriveis com espreitadeiras. A casa dos tractos, contendo ainda nas paredes uma especie de manchas escuras, parecendo terem sido feitas por sangue que as salpicou !...

VILLA DE POMBAL

Distante de Lisboa 29 leguas e 7 de Leiria, com 5 mil habitantes. Pertenceu á ordem dos Templarios, que a deu á de Christo em 1357.

CI.

Capella dos Templarios, que se julga edificação dos Sarracenos, suppondo-se que esta capella foi alternativamente mesquita de Mouros e Igreja de Christãos.

CII.

Ruinas de um palacio, que diz a tradicção fôra habitação de um rico e opulento Mouro, que delle se apossou por direito de conquista, passando depois ao dominio dos Templarios. E' antiquissimo.

VILLA DE ALCOBAÇA

Distante de Lisboa 18 leguas.

CIII.

Real mosteiro e palacio d'Alcobaça, que foi da Ordem de S. Bernardo; obra das do numero de mais grandiosa fabrica que se vê em Portugal. A primeira pedra do edificio foi lançada em 2 de Fevereiro de 1148. Os Abbades de Alcobaça erão potentados do Reino, sendo senhores de 14 villas.

CIV.

Venerandos túmulos d'El-Rei D. Pedro I e de sua mulher D. Ignez de Castro, que estão no mosteiro d'Alcobaça.

« O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que, depois de ser morta, foi Rainha. »

CAMÕES.

CV.

Castello d'Alcobaça, edificado no plano de uma pequena montanha, proxima ao mosteiro daquelle nome, e hoje em ruinas. Os habitantes daquelle contorno contão a historia seguinte — « Que o antigo mouro, senhor daquelle castello, obrigava os habitantes daquella terra a pagar-lhe todos os annos o tributo de doze donzellas para lhe servirem de suas mulheres e escravas. »

VILLA D'ALJUBARROTA

Distante de Lisboa 26 leguas. Celebre pela batalha em que D. João I de Castella foi batido pelo fundador da dymnastia de Aviz D. João I (1385).

CVI.

Real mosteiro e Igreja de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha, contiguo á villa d'Aljubarrota. E' o padrão grandioso levantado ao valor portuguez e á gloria e independencia de Portugal! Sendo a obra mais grandiosa, e talvez mais primorosa que existe no mundo; porque de todos os edificios deste genero conhecidos no Universo em nenhum delles se encontra uma fabrica tão sumptuosa e com mais delicados trabalhos de arte, como se vê no real mosteiro e grandiosa Igreja da Batalha!... Na mesma grande Bazilica de Roma, que por sem duvida é maior seu ambito do que este monumento, não se encontrão lá os rendados em pedra e os primores da arte executados com tanta minuciosidade, como se vêem neste templo de Santa Maria da Victoria; parecendo como que feitos e sahidos de um bastidor ou thear de bordadeira de rendas! Todo o portuguez, e mesmo todo o viajante da America que se dirigir á Europa deve ir ver este grande monumento delineado e executado pelos sempre memoraveis artistas mestres — *Affonso Domingues, Duguet, Martins Vasques, Fernão d'Evora, Matheus Fernandes.* Foi mandado edificar este sublime e grande padrão da independencia portugueza por El-Rei D. João I, de grata

memoria, quando venceu a grande batalha de Aljubarrota no dia 14 de Agosto de 1385, em que sacudio o jugo de Castella; a qual foi dada e vencida pelos portuguezes naquelle mesmo lugar onde está erigido o templo, derrotando o exercito castelhano. Foi uma promessa feita por El-Rei á Santissima Virgem, a qual Sua Magestade cumprio, mandando edificar este sumptuoso templo em 1387, que dedicou a Santa Maria da Victoria. Estão neste recinto ricos paineis do pincel da grande artista portugueza Josefa d'Obidos e do celebre mestre Grão Vasco.

CVII.

Tumulos, merecedores de serem vistos pelo visitante, que estão na Igreja da Batalha; e são d'El-Rei D. João I, fundador da Igreja, e da Rainha sua mulher D. Leonor; d'El-Rei D. João II; dos principes D. Affonso, filho de D. João II; D. João, filho d'El-Rei D. Affonso V; D. Pedro; D. Henrique; D. João; D. Fernando, Duque de Coimbra, que morreu na batalha de Alfarrobeira; D. Henrique, Duque de Vizeu; D. João I, duque de Bragança; e do infante santo D. Fernando, que morreu captivo em Fez, sendo suas cinzas remidas para virem para este jazigo em tempo d'El-Rei D. Affonso V.

CVIII.

Capella de S. Manoel, no mosteiro da Batalha, mandada edificar por El-Rei D. Manoel. E' um continuado de primor da arte que este monarcha ali mandou executar, mas que ficou incompleto.

VILLA DA FEIRA

CIX.

Castello da Feira, na villa deste nome, com um palacio contiguo, de frontispicio mourisco, e que se julga ser este um dos mais velhos monumentos de Portugal, tomado aos Mouros por El-Rei D. Affonso Henriques.

CIDADE DE LAMEGO

Proximo á cidade do Porto, 14 leguas. Povoação em que D. Affonso I erigio Côrtes.

CX.

Igreja de Santa Maria d'Almacave, onde (segundo a tradicção) reunírão-se os tres estados do reino, para a celebração das memoraveis Côrtes de Lamego, no começo da monarchia portugueza, no anno de 1143. « Nesta Igreja, e naquella reunião, foi coroado D. Affonso Henriques pelo Arcebispo de Braga com a corôa de ouro dada pelos reis Godos ao mosteiro de Lorvão, e depois d'El-Rei ter fallado em primeiro lugar naquella Assembléa fôrão feitas por estas côrtes as leis seguintes. D Affonso Henriques disse: « Louvado seja Deos, que me ajudou! com esta espada vos hei libertado e vencido nossos inimigos; e já que me tendes feito vosso Rei e companheiro, convém que façamos leis, que assegurem a tranquillidade do paiz: a isto todos respondêrão, dizendo: Nós queremos, senhor, e estamos

promptos a fazer as leis, que vos aprouver dictar; porque todos nós, assim como nossos filhos e filhas, netos e netas, faremos o que ordenardes. El-Rei chamou então os bispos, os nobres e os procuradores das villas e cidades, e de commum accordo assentárão em começar por fazer leis relativas á successão da corôa: Que o senhor Rei D. Affonso viva e reine sobre nós. Se tiver filhos, que estes vivão e sejão nossos reis, sem que seja necessario constituil-os de novo reis; eis-aqui a ordem da successão: o filho succederá ao pai, depois o neto, o bisneto, e assim para sempre, em seus descendentes, de pai a filho. — Se o filho primogenito do rei morrer durante a vida do pai, o filho segundo (depois da morte do rei seu pai) será rei; o terceiro succederá ao segundo, o quarto ao terceiro, e assim a respeito dos outros filhos do rei. — Se o rei fallecer sem filhos, o irmão do rei (se o tiver) reinará; mas só durante a vida; porque, depois da sua morte, seu filho não será nosso rei; mas se os bispos, os deputados das villas e cidades, e os nobres da casa real o elegerem, então reinará sobre nós. — Lourenço Viegas, procurador do senhor Rei, disse então aos deputados: O Rei pergunta se quereis que as filhas sejão admittidas a succeder á corôa, e, neste caso, se vos apraz fazer leis concernentes a esta successão. Depois de uma discussão, que durou algumas horas, os deputados concordárão e tomárão a resolução seguinte: Se o Rei de Portugal não tiver filhos, mas sim uma filha, esta será rainha depois da morte do rei, comtanto que case com um fidalgo portuguez; mas este não se chamará rei senão depois do nascimento de um filho. Quando apparecer em publico, em companhia da Rainha, estará sempre á sua esquerda, e não porá a corôa real na cabeça. Que esta lei seja sempre observada, e que a filha primogenita do Rei só tenha por marido um senhor portuguez, para que o reino não venha a estrangeiro. Se a filha do Rei casar com principe estrangeiro não será reconhecida como

rainha, porque não queremos que os povos sejão obrigados a obedecer a um rei que não seja portuguez; porque forão nossos vassallos e compatriotas, que, sem soccorro alheio, mas por seu valor e á custa de seu sangue, nos fizerão Rei. »

CIDADE DE AVEIRO.

Proximo á cidade de Coimbra 11 leguas. A cidade de Aveiro ou Nova Bragança tem 4,200 habitantes. E' bispado. Está na embocadura do Vouga.

CXI.

Grande dique na barra da cidade de Aveiro, que atravessa o rio Vouga, principiada esta grande obra em 1802, e completa em 1808 sob plano do brigadeiro Oudinot e tenente-coronel Luiz Gomes de Carvalho,— habeis engenheiros; — na qual se diz gastárão 250 mil cruzados.

CXII.

Muralhas em uma parte da cidade, ao longo das margens do rio Vouga, obra antiga emprehendida e mandada executar pelo infante D. Pedro, filho de El-Rei D. João I.

CXIII.

Grande e real fábrica da Vista Alegre, próximo á cidade do fabríco de louça de porcelana e vidros, pertencente á grande casa commercial de Pinto

Bastos. Deste estabelecimento tem sahido louças e objectos de vidro tão perfeitos, que nada differem dos mais apurados vindos da Belgica, França e Inglaterra.

CIDADE DO PORTO.

Distante de Lisboa 50 leguas a N. E. nordeste embocadura do Douro ; é bispado e tem 80,000 habitantes Tem bom porto, 5 quarteirões, dos quaes 2 sobre collinas edificados em amphitheatro. Grande commercio. E' a antiga cidade de Portus Calles que deu, segundo se crê, o nome a Portugal, é delle que tambem tirou o seu. Os francezes a occupárão em 1808 e 1809. Insurgiu-se contra D. Miguel em 1828 e se declarou por D. Pedro ; o bloqueio que então soffreu foi bastante funesto ao seu commercio.

CXIV.

Hospital denominado Novo, que se principiou em 1769, estando actualmente apenas concluido a maior parte de sua construcção, e que por sem duvida, depois de toda prompta, será um dos maiores e mais respeitaveis edificios neste genero que existe em Portugal ; tendo grandes accommodações para as differentes classes de enfermos.

CXV.

Memoravel Mausoléo, todo de pedra extrahido daquelles proximos lugares, que está ao lado do Evangelho da capella-mór na grande igreja de

N. S. da Lapa, onde existe o coração do inclito e sempre lembrado D. Pedro IV Rei de Portugal, 1.° Imperador e fundador do Imperio do Brazil, e Duque de Bragança, que falleceo em Lisboa aos 24 de Setembro de 1834: o qual em seu testamento dispoz desta preciosa dadiva á cidade do Porto; e assim se expressa a sua consorte a bemfazeja Imperatriz D. Amelia, idolo amado dos Portuguezes. « Tendo o Duque de Bragança, Meu Augusto e saudoso Esposo (que Deos haja em Gloria) doado o seu coração á Heroica Cidade do Porto, como perpetuo testemunho de sua cordeal Affeição e viva gratidão a seus loaes habitantes; e havendo Eu, como Executora das suas ultimas vontades, Mandado cuidadosamente conservar e feito depositar na Real Capella deste Paço, aquella tão Nobre Parte dos Despojos Mortaes do Augusto Commandante em Chefe do Exercito Libertador, ate se achar acabada a Urna que Manbei apromptar para a receber, e que então Pessoalmente entregarei ao Coronel Balthazar d'Almeida Pimentel, um dos Ajudantes de Campo e dos mais constantes Amigos do Duque Meu Esposo, que foi já por mim encarregado de conduzir aquelle Precioso Legado até á cidade a que fica pertencendo: Pareceu-Me conveniente que no mesmo dia que terminava o Encerro em que Me Tenho conservado, depois da morte do Duque Meu nunca assás chorado Esposo, vos Dirigisse esta participação, que muito Folgarei que façais constar, não sómente aos vossos dignos Collegas, mas a todos os vossos illustres compatriotas.— Escripta no Palacio das Necessidades em 24 de Outubro de 1834.—D. AMELIA, Duqueza de Bragança.—Para o Presidente da Camara Municipal da Heroica Cidade do Porto. »

CXVI.

Palacio episcopal, residencia do Bispo, obra grandiosa, e de uma primorisação talvez sem igual neste genero, com especialidade a sua magnifica escadaria. Foi reedificado por D. João Rafael de Mendonça, Bispo do Porto, da illustre familia dos Val de Reis, — e residencia por vezes do Conde D. Henriques, e da rainha D. Thereza, augustos pais de El-Rei D. Affonso Henriques, no começo da monarchia portugueza; denominando-se ainda a escada que delle communica para a Sé — a escada da Rainha.

CXVII.

Templo antigo e magnifico da Sé, que se suppõe obra reedificada no tempo do Conde D. Henriques e da Rainha D. Thereza, augusto tronco da descendencia dos Reis de Portugal (1092). Neste templo se vêem os restos mortaes de S. Pantaleão, que é o padroeiro da cidade.

CXVIII.

Igreja de Cedofeita, veneravel edificio pela sua remota antiguidade, a qual se julga ser o templo christão, onde mesmo no dominio dos Mouros se celebrárão os officios religiosos do nosso culto, mediante um tributo que os padres collegiaes pagavão a essa tribu.

CXIX.

Templo grandioso e convento doado á Ordem

Terceira de S. Francisco, que é obra magestosa, tem um hospital bem montado para tratamento dos enfermos irmãos desta respeitavel corporação religiosa.

CXX.

Templo, que foi dos Benedictinos, dedicado a N. S. da Victoria, onde se admira a belleza da obra de talha dourada, que é de todo o primor artistico.

CXXI.

Igreja e convento de Santa Clara, de religiosas franciscanas, fundado por El-Rei D. João I, em 1416. Recommendamos ao viajante os excellentes pasteis de Santa Clara, que tão conhecidos são por todo o reino, e até mesmo no paiz onde escrevemos este indicador, os quaes se fabricão neste convento.

CXXII.

Igreja do Carmo, pertencente á veneravel Ordem Terceira deste nome, onde o visitante encontrará os muito ricos ornamentos e vestes das bem feitas imagens, representando os sagrados mysterios da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo.

CXXIII.

Templo e magnifico edificio para hospital, da V. Ordem Terceira da Trindade, que está ainda em construcção; e concluido terá grande nomeada.

CXXIV.

Torre dos Clerigos, na Igreja deste nome. E' a torre mais alta que possue o reino de Portugal. Foi edificada nos annos de 1732 a 1763 pelo architecto italiano Nicoláo Varini, que a concluio com todo o primor da arte.

CXXV.

Casa Pia: magnifico estabelecimento, onde se agasalhão os innocentes desvalidos de ambos os sexos, e que por sem duvida é o mais caritativo asylo de entre os outros muitos que tem a cidade.

CXXVI.

Real Theatro de S. João, edificio bem acabado e decorado com gosto, primor e arte.

CXXVII.

Ponte pensil sobre o grande e magestoso rio Douro, junto á cidade, obra grandiosa de moderna construcção, concluida em 1843.

CXXVIII.

Aquartelamento de St. Ovidio, no campo deste nome, edificio com acommodação para tres mil praças.

CXXIX.

Museu público, célebre pelas raridades antigas de todo o genero de que é senhor. Nelle se vê um quadro do celebre Rafael representando a transfiguração. Um outro representando a adoração dos Reis Magnos. Espadas memoraveis; sendo uma de El-Rei D. Affonso Henriques, e a outra moderna que servio a D. Pedro IV Duque de Bragança, na guerra de 1832 a 1834. Esta espada dizem está no edificio da Camara municipal, offerecida pelo Principe D. Augusto, primeiro marido da Rainha a Senhora D. Maria II, a quem a havia dado o mesmo Duque de Bragança. Escrevaninha ou tinteiro memoravel, com a penna que assignou os decretos no concilio de Trento, e que foi dada pelo virtuoso arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

CXXX.

Cordoaria, no largo deste nome, onde se fabricão os cabos e outros objectos para a marinha do reino.

CXXXI.

Praça do Commercio e Banco onde se admira a actividade do grande centro commercial do reino; que por sem duvida é uma das praças de mais movimento do paiz; a qual data já desde épochas anantigas — diz o sabio J. P. Ribeiro nas reflexões historicas o seguinte: « A chamada bolsa de commercio do

Porto, anterlor á guerra da acclamação de D. João I foi depois renovada. O seu fundo em uma quarta parte dos fretes se dispendia nas precisões do commercio, assim no reino, como nas nações estrangeiras. Ella muitas vezes promoveu e obteve providencias vantajosas ao feu fim. »

CXXXII.

Convento da Serra do Pilar além do rio Douro, que em alta eminencia está dominando a cidade: lugar memoravel e baluarte inexpugnavel na recente guerra em Portugal nos annos de 1832 a 1834, onde o exercito libertador ao commando do Duque de Bragança D. Pedro IV, fez proezas: ainda se vêem os vestigios desses feitos gloriosos.

CXXXIII.

Memoria levantada nas prais do Mindello, proximo á barra da cidade. Lugar onde D. Pedro IV, Duque de Bragança, coronel do corpo n. 5 de cassadores, no dia 8 de Julho de 1832, desembarcou com o exercito libertador. Tambem existe na distancia de 5 leguas da cidade, no mosteiro de Paço de Souza, o jazigo do leal portuguez Egas Muniz, digno por sem duvida de ser visto, para por elle se conhecer o facto que a tal respeito menciona a historia, do tempo d'El-Rei D. Affonso Henriques.

CIDADE DE BRAGA

Distante 8 leguas do Porto e 58 de Lisboa. E' a capital de Entre Douro e Minho. Tem 14,430 habitantes. E' arcibispado. Foi fundada por Himilion, e foi capital dos Suevos no seculo VI onde forão vencidos em 585 pelos Godos. Tem no arrabalde o grande edificio do mosteiro de Tivans, cabeça que foi da antiga e opulenta Ordem Benedictina. E' monumento que se suppõe datar antes da monarchia portugueza.

CXXXIV.

Santuario do Senhor Bom Jesus do Monte, nos suburbios da cidade. E' uma das maravilhas do nosso tempo. O viajante encontrará neste templo, além de capellas, estatuas, fontes, jardins, e a commemoração dos martyrios de Nosso Redemptor, os retratos de reis, principes da Igreja, fidalgos, negociantes, lavradores e artistas, que, com seus donativos tem concorrido para o engrandecimento deste sanctuario, cuja construcção começou em 1723.

CXXXV.

Sé desta cidade, templo antigo, de tres naves com magnifica capella-mór, feita, segundo se affirma, por artistas da Biscaia, que o arcebispo D. Diogo de Sousa mandára contratar, e que depois nesta cidade estabelecêrão-se em uma rua que ainda hoje se denomina dos — Biscainhos — seu arcebispo é o primaz das Hespanhas.

CXXXVI.

Mausoléu do Conde D. Henrique e da Rainha D. Theresa, sua mulher. Achão-se juntos no altar-mor da Sé. São avoengos da casa reinante portugueza.

CXXXVII.

Na Sé. — O tumulo com o corpo de Santo Ovidio arcebispo de Braga, e que está na capella do nome deste Sánto martyr.

CXXXVIII.

Ainda é digno de attenção, na mesma Sé, o tumulo do Infante D. Affonso, filho de D. João I, fallecido aos 10 annos de idade e era o successor de seu pai. Acha-se proximo á capella das Almas. Este tumulo foi mandado por sua irmã D. Izabel, mulher de Filippe III, duque de Borgonha.

CXXXIX.

Mais tumulos: de S. Martinho Dumiense, e do celebre arcebispo D. Lourenço, que eternisou seu nome na batalha d'Aljubarrota. Tambem se vê o jazigo do arcebispo D. Diogo de Sousa, que muito beneficiou a cidade de Braga na abertura de ruas, largos e igrejas que fundou, melhorando esta cidade. O corpo de S. Geraldo, seu arcebispo, e do prelado D. Gonçalo Pereira da casa de D. N. Alv. Pereira.

CXL.

O tumulo, embellesado de azulejos, proximo á capella de S. Geraldo, onde estão depositados os ossos venerandos do grande e leal portuguez Martim de Freitas, alcaide-mór de Coimbra.

CXLI.

Palacio do arcebispo de Braga, vasto edificio e de grandes acommodações. Nelle se vêem curiosas obras antigas, boas pinturas e retratos de varios arcebispos.

CXLII.

Hospital de S. João Marcos, no largo do mesmo nome, a cargo da respeitavel irmandade da Mizericordia. E' um edificio magnifico aceiado com esmero para tratamento dos enfermos pobres. Vê-se ali um retrato singular de uma joven camponeza Barrozãa, que deixando todos os seus bens a este pio estabelecimento, concluio a sua deixa com esta verba, que está inscripta no quadro — «Se mais tivera, mais déra.»

VILLA DE GUIMARAENS

Distante do Porto 8 leguas. A villa de Guimarães tem 8,300 habitantes. Celebre pela sua cutelaria e fazendas de linho; patria de D. Affonso I e do Papa Damasio.

CXLIII.

Palacio e castello antigo, onde no começo da

monarchia portugueza; foi habitação de El-Rei D. Affonso Henriques, e primeira côrte do Reino.

CXLIV.

Grandes cortumes e fábricas de ferrarias dignas de serem vistas, pelo valor de suas manufacturas.

CXLV.

Caldas de Vizella, distante 8 leguas do Porto, célebres desde o tempo dos Romanos, aonde o doente encontra banhos mineraes de grande efficacia.

CIDADE D'EVORA.

Distante 20 leguas de Lisboa. Esta cidade é de 12,000 habitantes. Antiga Ebura e depois Liberalitas Julia, no Alemtejo. Praça forte e arcebispado, outr'ora Universidade. Foi residencia de Sertorio. Tomada aos Mouros em 1166. Os Hespanhóes se apoderárão della em 1663 para pouco depois serem vencidos pelo marechal de Schomberg.

CXLVI.

Aqueducto chamado do Prata, obra gigantesca e antiga, que se attribue a Sertorio, capitão romano, o qual foi reedificado por El-Rei D. João III. Julio Cezar imperador de Roma, concedeu a Evora as honras de municipio com o nome de — Liberalitas Julia.

CXLVII.

Templo consagrado a Diana, pelos romanos, da ordem corinthia: obra primorosa.

CXLVIII.

Torre quadrilonga, denominada de — Sertorio — edificada defronte do templo de Diana. Está junto a um palacio bastante antigo, e que hoje pertence á casa do Duque de Cadaval. E' monumento antiquissimo.

CXLIX.

Templo e Sé da cidade de Evora, com um palacio contiguo, residencia do arcebispo. Obra magnifica! e sua capella-mór é toda construida de marmores de varias côres.

CL.

Ruinas do palacio real no logar chamado — Terem proximo ao grande Rocio. Foi ali residencia dos reis de Portugal quando Evora foi capital do reino no XV seculo.

CLI.

Igreja e convento de S. Francisco, edificio primoroso, com especialidade seu templo todo em abobeda, de uma altura consideravel, sem estar sustentado por columnas. Vê-se no interior dos seus claustros uma capella toda feita de ossos humanos, postos em tal ordem e cemetria, que fazem por certo abalo ao mais indifferente visitante. Tem á entrada da porta desta capella a singular inscripção: — « Nós ossos que aqui estamos, Pelos vossos espera-

mos » — Existe no altar uma imagem do Senhor dos Passos, que é neste genero, uma das obras mais primorosas da arte que possue Portugal.

CLII.

Fonte denominada da Prata, que está na praça da cidade, toda feita de marmore branco, tendo em seu cimo uma grande bacia redonda, com 5 braças de circumferencia, sustida por um só pé de pouco mais de 2 palmos de grossura em quadro, obra primorosa e admiravel pelo difficil de sua collocação. Foi-lhe dada uma corôa, pela memoravel rainha a senhora D. Maria I, como galardão ao quanto achou formosa esta fonte, de tanta arte e utilidade publica.

CLIII.

Casa pia, para a infancia desvalida de ambos os sexos; edificio que foi dos Jesuitas, e antiga universidade do reino. E' obra de todo o primor. Nesta casa está agora o governo civil do districto.

CLIV.

Muralhas de pedra que circulão a cidade, obra feita no tempo dos Romanos, com torres e ameias, que de distancia em distancia se encontrão. De varias posições destas muralhas e destas torres se goza da vista mais pittoresca e agradavel, que é possivel imaginar-se; desfructando-se o bello panorama das fertilissimas campinas e grande rocio

com suas hortas, que tanto embellezão os extramuros d'Evora.

CLV.

Livraria publica, onde o investigador encontrará as chronicas e escriptos antigos do reino. Ali se conservão quadros de antigos autores e mais objectos raros, devidos a André de Resende, que tem o seu tumulo nesta povoação.

CLVI.

Os Carceres da Inquisição, fronteiros á Sé: nelles se vê ainda vestigios dos horrendos castigos e supplicios que esta corporação fazia muitas vezes soffrer a innocentes; e as prisões e subterraneos onde erão sepultadas em vida as victimas della.

CLVII.

Aquartelamento, chamado dos Castellos, proximo á muralha, edificio magestoso, com commodos sufficientes e em ponto grande para o aquartelamento de um regimento inteiro de cavallaria, como ali sempre se acha estacionado: sendo o 5.º desta arma.

CLVIII.

Convento e Igreja da Cartuxa, da Ordem de S. Bruno, extra-muros da cidade. E' singular este mosteiro, sendo todo murado; e as cellas que servião aos frades são todas feitas no pavimento ter-

reo e sem communicação exterior; pois que ao religioso desta corporação era prohibido communicar com pessoa alguma desde que professava, a não ser com os seus companheiros de communidade; assim, em sua cella encontrava toda a commodidade de que carecia, inclusive cerca ou grande quintal ajardinado para seus passeios, estudo e distracção.

CLIX.

Casa da Camara Municipal, edificio do tempo dos Romanos; obra de uma architectura singular e admiravel; sendo digno de ser examinado as armas da cidade, que, em relevo de marmore estão demonstrando o facto do Geraldo-sem-Pavor.

CLX.

Mosteiro, denominado do Espinheiro, extramuros da cidade, que foi de monges da Ordem de S. Jeronymo; obra primorosa, que poderia ser aproveitado para uma residencia régia, na primavera, em que em Evora se goza da mais pura e desejavel atmosphera de Portugal.

VILLA DE ESTREMOZ.

Distante d'Evora 6 leguas.

CLXI.

Castello e fortificações da villa de Extremoz, edificadas no tempo d'El-Rei D. Affonso III em

1258. Tem por armas a planta de um tremosseiro, e fôrão reconstruidas suas fortalezas em época mais moderna, as quaes se tornárão de summa importancia nas guerras que Portugal teve com Castella, no tempo da gloriosa e memoravel acclamação de El-Rei D. João IV, e pela occasião da assignalada victoria de Montes-Claros, sob o commando do general portuguez marquez de Marialva, em 1665.

VILLA VIÇOSA.

Distante da villa de Extremoz 4 leguas.

CLXII.

Palacio real dos duques de Bragança, o qual está collocado na praça da villa, occupando os dous angulos della. Obra primorosa em sua architectura externa. E' ali a cabeça da muito distincta e nobilissima casa de Bragança. Em sua capella é o grão mestrado da real Ordem honorifica de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, creada por El-Rei D. João VI, em 1818; quando estava este na cidade do Rio de Janeiro. Nasceu neste palacio El-Rei D. João IV.

CLXIII.

Antigo castello, em fórma de estrella, a léste da villa, construcção do tempo d'El-Rei D. Diniz; cercado de muros, tem cinco portas, cavalleiro, tres meias luas, e um fôsso muito profundo, que lhe dá uma apparencia de grande fortaleza.

CLXIV.

Tapada real, com grande bosque de tres leguas de circumferencia, todo murado, com um palacio de residencia para os reis de Portugal, quando vão áquelle lugar recrear-se com o divertimento da caça, de que essa tapada é abundantissima; tendo veados, javardos, lebres, coelhos e varias aves. E' expressamente prohibido aos particulares ali caçarem.

CLXV.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição, parochia dentro do castello, fundada pelo condestavel-mór do reino D. Nuno Alvares Pereira em 1366, e é priorado da antiga Ordem d'Aviz.

CLXVI.

Convento e Igreja de Nossa Senhora da Graça, da Ordem de Santo Agostinho, fundado por El-Rei D. Affonso III em 1276, e depois reedificado pelo condestavel-mór do reino D. Nuno Alvares Pereira em 1366. Ali estão os mausoléos dos Duques de Bragança.

CLXVII.

Convento e Igreja de Nossa Senhora do Amparo, de religiosas Paulistas, fundado por El-Rei D. João I. Edificio de magestosa construcção.

CLXVIII.

Convento e Igreja das Chagas das religiosas de Santa Clara, fundado pelo 4.º duque de Bragança D. Jayme em 1607.

CLXIX.

Fortificações com torreões e baluartes, onde foi o famoso sitio do marquez de Carracena, no reinado d'El-Rei D. Affonso VI, e se deu a grande batalha de Montes-Claros, em que perdeu o exercito de Castella 4,000 homens, ficando 6,000 prisioneiros: foi ganha esta acção pelo exercito portuguez ao commando do marquez de Marialva.

CIDADE D'ELVAS.

A cidade d'Elvas, 39 leguas distante de Lisboa. 10,000 habitantes. Antiga Alba, a E. de Lisboa, sobre uma eminencia; perto do Guadiana, provincia do Alemtejo. Boa praça. Bom arsenal, onde se fabricão bons canhões e armas de guerra. E' bispado.

CLXX.

Templo e Sé, edificado antes de 1570; obra primorosa no seu interior, pelos bem executados lavores que tem em finos marmores polidos e lustrados, e que se suppoem forão feitos pelos melhores mestres portuguezes que trabalhárão na grande obra de Mafra. Foi seu primeiro Bispo o preclaro portuguez, doutor em Paris, D. Antonio Mendes de Carvalho. Tem na capella-mór um qua-

dro magnifico representando a Assumpção de N. S., obra prima de Lourenço Gramiera.

CLXXI.

Quadros e pinturas que se encontrão nas differentes capellas, sachristia e tectos da sala capitular da Sé, dignos do exame do visitante. E' trabalho dos artistas portuguezes — Bento Coelho da Silveira, Cyrillo Valcamar Machado e Antonio de Siqueira d'Elvas.

CLXXII.

Igreja e convento das freiras dominicanas, fundado em 1543; onde se vêem magnificas e antigas pinturas, muito elogiadas por Fr. Luiz de Sousa, chronista-mór do reino.

CLXXIII.

E' digno de ser visto o templo da Ordem Terceira de S. Francisco, magnifico pelo seu admiravel sanctuario de imagens e seu rico entalhado interno de madeira de bôrdo todo dourado; em cuja feitura se gastárão mais de 4 annos e 10 mil cruzados. Tem uma admiravel cysterna, e que dizem fôra feita á custa do bispo D. João de Sousa Castello Branco.

CLXXIV.

Fonte da Piedade, extramuros da cidade. Curiosa pela sua feitura e delicioso lugar em que está. Tem

proximo a igreja do Senhor da Piedade, digna de attenção, e foi edificada em 1737. Vêem-se dois bellos quadros representando a Santa Virgem com o Menino Deos, e S. Pedro como apostolo e penitente. Pinturas de Cyrillo Machado.

CLXXV.

Aqueducto das Amoreiras, extramuros da cidade d'Elvas um dos maiores neste genero que existe em toda a peninsula hyberica. Já em 1570 sua grande arcaria estava começada, attribuindo-se ao reinado de D. Sebastião, seu adiantamento.

CLXXVI.

Grandes fortificações que circulão toda a cidade em muralhas ternas, com portas elevadas, fossos e grandes baluartes, que tornão esta cidade uma praça d'armas admiravel e a mais forte existente, não só em Portugal como em toda a peninsula. Foi plano e risco dado pelo conde de Lippe, executado e aperfeiçoado pelo general de engenheiros Vallerét.

CLXXVII.

Forte da Graça, extramuros da cidade, que collocado em uma grande eminencia está dominando toda a cidade. E' qual outra Malakoff moderna dos Russos, e por sem duvida digno este forte de ser visitado.

CLXXVIII.

Cysterna na cidade d'Elvas, que pertence ás fortificações da praça. Celebre pela sua construcção e longo ambito, a qual já manteve d'uma bica, correndo pelo espaço de seis mezes. E' deposito de grande utilidade publica.

CLXXIX.

Memoria e monumento glorioso, proximo á cidade, no caminho de Barbacena, mandada irigir por El-Rei D. Affonso VI symbolisando, por uma columna de marmore branco e da ordem toscana, a batalha de — Montes Claros — tendo uma corôa real em seu cimo, e a inscripção seguinte: « No anno de 1659 reinando em Portugal D. Affonso VI, em terça feira 14 de Janeiro do mesmo anno, D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva, capitão general desta provincia do Alemtejo, introduzio soccorro na praça da cidade d'Elvas, que estava sitiada por D. Luiz d'Haro, capitão general da Extremadura, primeiro ministro d'El-Rei D. Filippe IV, atacando, rompendo, desmantelando, e ganhando a circumvalação inimiga, artelheria, bagagens, munições e secretaria, tomando muitos cabos e presioneiros. Esta memoria se fez para que os mortaes deem graças ao Senhor dos exercitos e victorias; roguem pelas almas dos que se achárão e dérão as vidas em tão singular e porfiada batalha que durou das 9 da manhã ate se serrar a noite. »

VILLA D'AVIZ.

Distante d'Evora 9 leguas.

CLXXX.

Castello e ruinas do palacio real na antiga e celebre villa d'Aviz, que servio para habitação dos gram-mestres, freires e cavalleiros da antiga e muito nobre Ordem de S. Bento de Aviz, desde os annos de 1211 até á sua separação. Torna-se este monumento historico, por esta circumstancia, digno de ser visitado.

CIDADE DE BEJA.

Distante d'Evora II leguas. Esta cidade é de 5,500 habitantes. Antiga Pax Julia e depois Pax Augusta, no Alemtejo. E' bispado e foi edificada pelo Rei D. Diniz. Seus arrabaldes offerecem um paiz delicioso e abundante, e rioas plantações d'oliveiras.

CLXXX.

Muralhas duplas com 40 torres, que de quando em quando circulão a cidade, de que ainda se vêem salientes vestigios. El-Rei D. Diniz mandou levantar o grande castello, um dos de maior consideração que existe no reino, e de que erão alcaides móres os marquezes das Minas.

CLXXXII.

As reliquias de S. Sezenando, natural de Beja,

que ainda são veneradas no seu tumulo, que está na capella chamada — Nova.

CLXXXIII.

Igreja denominada de Santa Maria da Feira, cujo templo de tres grandes naves; ha opinião que foi mesquita de Sarracenos!... E' antiquissima.

CLXXXIV.

A casa da Misericordia. Obra grandiosa Seu hospital foi creado pelo Infante D. Fernando, pai de D. Manoel, e lhe fez grandes donativos, taes que só os rendimentos do terço de suas gallinhas, pago á camara annualmente, é de 1900.

CLXXXV.

Collegio de S. Sezenando, edificado em 1670, na rua Cega, onde morreu o dito santo. Ali, em um de seus aposentos se têem guardado muitos fragmentos do tempo dos romanos, os quaes attestão o esplendor de Beja nessa éra remota.

CLXXXVI.

Ermida de Santo André, extramuros da cidade, edificada no tempo d'El-Rei D. Affonso Henriques, em memoria de, pela segunda vez, ganhar e conquistar a cidade de Beja aos mouros, em vespera de Santo André.

CLXXXVII.

Na capella mór da igreja da Conceição das Franciscanas. O tumulo de D. Fernando, pai d'El-Rei D. Manoel, erigido por seu filho em honra de seu pai. Está na rua dos Infantes.

VILLA DE MOURA

Distante de Beja 8 leguas.

CLXXXVIII.

Praça d'armas, muralhas e castello, mandadas edificar por El-Rei D. Diniz em 1295. Na Igreja deste castello se vê um letreiro sobre a campa de uma sepultura, o qual declara jazerem ali os restos mortaes dos cavalleiros portuguezes que tomárão esta terra aos Mouros, no reinado d'El-Rei D. Affonso Henriques; e conta a tradicção o seguinte:— « Sendo possuidora do castello desta villa uma moura por nome Saluquia, filha de Buaçon, senhor, mouro, de varias terras do Alemtejo, esta estava para casar com o mouro chamado Brafama, alcaide do castello d'Arronches, 10 leguas de Monra, ; que os fidalgos portuguezes se disfarçárão em trages mouriscos e forão para a fortaleza, onde a moura esperava a cometiva nupcial, mas assim que estes entrárão no castello e ella conheceu o engano, precipitou-se de uma torre abaixo para não ser captiva dos Christãos. » As armas desta villa tem por brazão uma mulher ao pé de uma torre em allusão á morte de Saluquia. Mausoléo que encerra os ossos venerandos de Vasco da Gama, trazidos de Cochim (na In-

dia) em 1508, onde falleceu este grande heroe, para o convento de N. S. das Reliquias, da Ordem Carmelitana, proximo á vila da Vedigueira, pouco distante da villa de Moura. Foi fundada em 1490; sendo um dos mais ricos mosteiros daquella ordem que havia em Portugal.

VILLA D'OURIQUE

Distante de Moura 10 leguas.

CLXXXIX.

Campina memoravel, proximo á villa d'Ourique, digna de ser visitada, especialmente pelo portuguez que quizer reverenciar o lugar e planicie aonde El-Rei D. Affonso Henriques deu a memoravel batalha do Campo d'Ourique, em que gloriosamente, com a porção valorosa dos Luzitanos que commandava, soube conquistar um reino e crear um throno para si e seus filhos, sendo nesse campo da batalha acclamado Rei de Portugal, no dia 25 de Junho de 1139. As córtes de Lamego honrárão aos que entrárão nesta gloriosa batalha, com as disposições seguintes: — « todo o individuo, que sendo prisioneiro dos infieis, no meio delles não deixasse de confessar a lei de Christo, dará nobreza a seus filhos; todos os que se havião achado na batalha d'Ourique, serão reputados como nobres e receberão a denominação de — Vassalos por excellencia. »

VILLA DE ALDÈA GALLEGA.

CXC.

Monumentos, que se suppoem *druidicos*, os quaes se encontrão entre Pegões e Vendas Novas, proximo aonde está um palacio de campo d'El-Rei, na provincia do Alemtejo, na estrada real, que da villa d'Aldêa Gallega segue para Monte-Mór novo, e são — varias pedras postas em ordem circulares, em numero de 12, tendo uma no centro. Tambem se encontrão estes monumentos na estrada que segue da villa d'Arraiolos para a provincia da Beira.

CIDADE DE FARO

A cidade de Faro, 42 leguas distaute de Lisboa, com 6,000 habitantes. E' bispado e tem bom porto.

CXCI.

Castello antigo, do tempo dos Mouros, onde hoje existe um bom aquartelamento para tropa; é edificio de bastantes commodos.

CXCII.

Sé da cidade, venerando templo pela sua grande antiguidade, pois diz a tradicção ter sido mesquita de Mouros. E' de tres naves e muito espaçosa.

CIDADE DE TAVIRA

A cidade de Tavira, distante de Lisboa 44 leguas e 2 de Faro. Na embocadura do rio Seca tem 8,700 habitantes. Antiga Balça.

CXCIII.

Ponte com sete arcos, onde existe um busto de pedra, representando o grande portuguez D. Paio Peres Corrêa, que tomou essa cidade aos Mouros, no tempo d'El-Rei D. Sancho II.

CXCIV.

Igreja de Santa Maria, que se suppõe ser bastante antiga. Neste templo se vê uma pedra com sete cruzes rôxas; e diz a tradicção representarem os sete fidalgos portuguezes caçadores, que ajudárão a conquistar a cidade ao valente grão-mestre da Ordem de S. Thiago D. Paio Peres Corrêa. Ali se vê o tumulo deste grande herôe portuguez.

CXCV.

Capella dos Terceiros do Carmo, onde o viajante encontrará boas pinturas executadas pelo distincto artista portuguez — Rasquinho.

CXCVI.

Capella dos Terceiros de S. Francisco, junto ao antigo convento, toda ella adornada com marmores

pretos, extrahidos das pedreiras do serro do Cavaco, proximo a esta cidade.

CIDADE DE BRAGANÇA

E' ducado e tem 3,600 habitantes, está na provincia de Tras-os-Montes, com o Rio Fervenza suppõe-se datar sua fundação do Rei Brigus. Ha nesta provincia a grande serra de Monchiqne, (ou Mensico), na cordilheira do Marão, donde se goza de um bello panorama. Tem Caldas de muita efficacia.

CXCVII.

Igreja que serve de Sé, e nella officia o Bispo de Miranda. E' notavel por ter ali o Bispo da Guarda casado a El-Rei D. Pedro I com D. Ignez de Castro. Encontra-se nesta cidade fabricas de veludo e seda bem montadas.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.
. . . .
(CAMÕES.)

CXCVIII.

Ponte de Cantaria, na margem direita do rio Tua, na villa de Mirandella. Tem bom formato, e julga-se foi construida no começo da monarchia. As margens em que assenta são deliciosas.

CXCIX.

Palacio antigo, na villa de Mont'Alegre. É curiosa

sua construcção, e se julga foi habitação do Rei mouro, que governou aquella terra, uma das mais frias de Portugal. E' tambem merecedora de ser visitada pelo investigador de objectos curiosos a Sé de Miranda: bem como os vestigios de monumentos antigos na villa do Freixo-de-Espada-á-cinta: o aquartelamento em Chaves e a sua boa ponte sobre o rio Tamega, com 18 arcos, e que julga-se foi construida pelos Romanos; sendo a melhor ponte que existe na provincia de Traz-os-Montes.

CC.

Igreja e convento de Refojos de Basto, proximo ao formoso rio Charim, distante de Braga 7 leguas. E' curiosa sua architectura e ornamentos no interior do templo, onde se vê bellos quadros e bem executados relevos. Foi mosteiro dos Jesuitas, e hoje é parochia; sendo orago S. Miguel, que, em grande estatua, embelleza a fachada externa do edificio. Tem grandes torres que de longe dão aspecto magestoso a este monumento, fundado por El-Rei D. Diniz am 1308.





A SUAS MAGESTADES

OS SENHORES

REIS ACTUAES DE PORTUGAL

D. PEDRO V

E

SEU BOM E EXTREMOSO PAI

D. FERNANDO.

Humildemente supplica o auctor, como leal subdito e fiel vassallo de SS. MM. a conservação destes — MONUMENTOS E OBJECTOS CURIOSOS — descriptos neste pequenino — INDICADOR — bem como de outros monumentos que ainda existem na muito nobre, grande, heroica, e muito distincta nossa Nação Portugueza: pois que elles são, por sem duvida, a chronica viva de nossa historia, e o mais forte documento de viridicidade para nossos filhos e vindouros.

REIS DE PORTUGAL.

D. Affonso I (o Conquistador) nasceu em Guimarães, no anno de 1109; falleceu em Coimbra em 6 de Dezembro de 1185. Casou com D. Tarasia ou Thareja.

D. Sancho I (o Povoador) nasceu em Coimbra, a 11 de Novembro de 1154; falleceu na mesma cidade a 27 de Março de 1211. Casou com D. Aldonça.

D. Affonso II (o Gordo) nasceu em Coimbra a 23 de Abril de 1186; falleceu na mesma cidade a 25 de Março de 1223. Casou com D. Urraca.

D. Sancho II (o Capello) nasceu em Coimbra, no anno de 1209; falleceu em Toledo a 4 de Janeiro de 1248. Casou com D. Mencia.

D. Affonso III (o Bolonhez) nasceu em Coimbra, no anno de 1215; falleceu em Lisboa a 16 de Fevereiro de 1279. Casou com D. Mathilde e D. Brites.

D. Diniz (o Lavrador) nasceu em Lisboa a 9 de Outubro de 1261; falleceu em Santarem a 6 de Janeiro de 1325. Foi casado com a Rainha Santa Isabel.

D. Affonso IV (o Bravo) nasceu em Coimbra a 8 de Fevereiro de 1291; falleceu em Lisboa a 29 de Maio de 1357. Casou com D. Brites.

D. Pedro I (o Justiceiro) nasceu em Lisboa a 18 de Abril de 1320; falleceu em Extremoz a 18 de Janeiro de 1367. Casou com D. Constança e D. Ignez de Castro.

D. Fernando (o Formoso) nasceu em Coimbra a 31 de Outubro de 1345; falleceu em Lisboa a 22 de Outubro de 1383. Casou com D. Leonor Telles de Menezes.

D. João I (de Boa Memoria) nasceu em Lisboa a 11 de Abril de 1358; falleceu a 14 de Agosto de 1433. Casou com D. Filippa.

D. Duarte (o Eloquente) nasceu em Lisboa a 31 d'Outubro de 1391, falleceu em Thomar a 9 de Setembro de 1438. Casou com D. Leonor.

D. Affonso V (o Africano) nasceu em Cintra a 15 de Janeiro de 1428, e ali falleceu a 28 d'Agosto de 1481. Casou com D. Izabel e D. Joanna.

D. João II (o Principe Perfeito) nasceu em Lisboa a 3 de Maio de 1455, falleceu na villa d'Alvor a 25 d'Outubro de 1495. Casou com D. Leonor.

D. Manoel (o Venturoso) nasceu na villa d'Alcochete a 31 de Maio de 1469, falleceu em Lisboa a 13 de Dezembro de 1521. Casou com D. Izabel, e D. Maria.

D. João III (o Piedoso) nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1502, e ali falleceu a 11 de Junho de 1557. Casou com D. Catharina.

D. Sebastião (o Desejado) nasceu em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554, falleceu na batalha d'Alcacere Quivir em 4 d'Agosto de 1578.

D. Henrique, Cardeal (o Casto) nasceu em Lisboa

a 31 de Janeiro de 1512, e ali falleceu a 31 de Janeiro de 1580.

Os 3 Filippes de Castella, que reinárão desde 1580 até ao dia 1.° de Dezembro de 1640.

D. João IV (o Restaurador) nasceu em villa Viçosa a 19 de Março de 1604, falleceu em Lisboa a 6 de Novembro de 1656. Casou com D. Luiza.

D. Affonso VI (o Victorioso) nasceu em Lisboa no anno de 1643, falleceu em Cintra a 12 de Setembrode 1683. Casou com D. Maria Francisca.

D. Pedro II (o Pacifico) nasceu em Lisboa a 26 de Abril de 1648, e ali falleceu a 2 de Julho de 1706. Casou com a viuva D. Maria Francisca.

D. João V (o Magnanimo) nasceu em Lisboa a 2 de Outubro de 1689 e ali falleceu a 31 de Julho de 1750. Casou com D. Maria Anna.

D. José I nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1714, e ali falleceu a 24 de Fevereiro de 1777. Casou com D. Marianna Victoria.

D. Maria I e D. Pedro III, nasceu aquella a 17 de Dezembro de 1734, e falleceu no Rio de Janeiro a 20 de Março de 1816.

D. João VI nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1767, e ali falleceu a 10 de Março de 1823. Casou com D. Carlota Joaquina.

D. Pedro IV nasceu em Lisboa a 12 de Outubro de 1798, falleceu naquella cidade a 24 de Setembro de 1834. Casou com D. Maria Leopoldina e D. Amelia.

D. Miguel I nasceu em Lisboa a 26 de Outubro de 1802, reinou desde 3 de Julho de 1828 até 27

de Maio de 1834. Casou com D. Adelaide em 1853.

D. Maria II, (a Piedosa) nasceu no Rio de Janeiro a 4 de Abril de 1819, falleceu em Lisboa a 15 de Novembrode 1853. Casou com D. Augusto e D. Fernando.

D. Pedro V actual Rei de Portugal, nasceu a 16 de Setembro de 1837. Subio ao throno a 16 de Setembro de 1855.



ESPECIAL DISCRIPÇÃO

Sobre a estatua equestre d'El-Rei D. José I, em Lisboa.

Como este livrinho é dado á luz na côrte aonde, tem de levantar-se uma estatua em memoria do Augusto neto daquelle Monarcha de Portugal, lembramo-nos que seria muito curioso appresentarmos aqui a discripção de todo o arranjo que houve para a feitura e collocação daquelle monumento, afim de todos os brazileiros, a quem ella interessar, poderem conhecer das difficuldades que ha a vencer nestas obras monumentaes; e mesmo ficarem scientes de algumas noções que possão tirar, para o bom exito da collocação dessa estatua, que tem de, na

capital d'um grande Imperio, perpetuar a memoria do grande Principe que em nossos dias fundou uma monarchia e libertou a um paiz; e para cuja obra todos de bom grado concorremos com nossos espontaneos donativos.

DISCRIPÇÃO.

« No centro da magestosa praça — Largo do Paço de Lisboa — (1) foi inaugurada a estatua de D. José I: Sobe-se por seis degráos de pedra a um plano de 72 palmos de comprimento por 62 de largura, sobre o qual assenta um sóco de doze palmos de alto, 38 de comprido e 37 e meio de largo, e nos dois lados oppostos, nascente e poente, sustenta as primorosas obras de escultura do insigne Machado, os dois grupos, representados e descriptos a pag. 145 e 201 do 4.º volume do Panorama. D'entre estes se eleva o pedestal, cujas faces planas são para os grupos, e as convexas são para a rua Augusta e para o Tejo: tem este sustentaculo de estatura 32 palmos de altura, com 27 de comprimento, e 18 de largura. Na frente para o rio, e que realmente é a do monumento, porque a da estatua para ahi está, e porque ahi é o porto, entrada maritima de Lisboa, vêem-se esculpidas as armas reaes, e abaixo dellas uma muldura oval de cinco palmos na maior altura, da feição de medalha, onde o primeiro ministro de El-Rei D. José, o celebre marquez de Pombal, re-

(1) Extrahido do *Panorama*.

parador da cidade, e suscitador do monumento, mandou collocar a sua effigie em bronze, e que, pela morte do monarcha, e decaímento do valido, foi arrancada em Abril de 1777 para a substituirem por outra lamina com as armas do senado da camara da cidade de Lisboa, até que sua magestade Imperial, D. Pedro Duque de Bragança, de saudosa memoria, mandou por decreto de 10 de Outubro de 1833, cumprido no dia 12, restabelecer no mesmo logar, como agora se vê o retrato do marquez que se conservava no arsenal do exercito.

« A estatua é equestre, de bronze, fundida de um só jacto..... Concluiremos, dando, segundo o auctor, a explicação da allegoria do baixo relevo, isto é, da sua invenção poetica. E' o objecto principal a generosidade regia, virtude personalisada na figura de uma donzela com as vestes e insignias reaes, e na attitude de descer do solio, como para acudir a remediar a lamentavel catastrophe da capital distruida pelo terramoto: ao lado tem um leão, symbolo da mesma virtude. Outra figura femenina, a Cidade de Lisboa, é facilmente conhecida pelo escudo de suas armas, isto é, o navio com os dois corvos á pôpa e á prôa; vê-se cahida, e em deliquio, para significar o desastre que soffreu: o Governo da Republica, trajado como os guerreiros antigos, a está amparando com a dextra; a esta trava do braço esquerdo o Amor da Virtude representado n'um menino aligero, coroado de grinaldas de louro, que o guia perante o throno, para expor os intentos e sollicitar os meios de progredir na reparação da

cidade, ao que a generosidade regia benignamente defere. O Commercio, abrindo os seus cofres franquêa as suas riquesas; e com effeito fez-se a alfandega, e continuárão as obras publicas mediante o donativo offerecido pela classe commercial. Posteriores a esta figura, que tem aos lados a cegonha e duas mós, que são seus symbolos, vemos mais duas figuras representando a architectura, que mostra a planta da cidade, e a Providencia Humana, que se distingue pela corôa de espigas de trigo, e pelo leme e uma chave na mão esquerda: vem ambas concorrer com sua pericia e direcção a levantar Lisboa do meio das ruinas em que jazia sepultada.

« Temos visto o quanto se esmerou o esculptor Machado para que o monumento que aformosêa a Praça do Commercio fosse digno do monarcha a quem o dedicavão e da nação a cujas expensas se erigio: incumbe-nos agora o fazermos menção, com o devido louvor, do tenente-general Bartholomeu da Costa, que dirigia as repartições do arsenal do exercito. Foi este habil engenheiro encarregodo da fundição da estatua, e conseguio desempenhar tão difficil tarefa, com tal acerto, que o mais feliz exito premiou a sua intelligencia e desvelada applicação. Se a estatua fosse composta de muitas peças, fundidas separadamente, e depois soldadas entre si, muito diminuto, comparativamente, seria o merecimento de Bartholomeu da Costa; mas, sendo ella inteiriça, e fundida de um só jacto, de muita capacidade mental, de muitos conhecimentos scientificos, e ao mesmo tempo de

sobeja resolução, temperada de prudencia, era revestido o seu engenho, para sahir prosperamente de tão arriscada empreza. Se observamos o trabalho e as precauções que se empregão para o bom resultado da fundição de uma peça de artilharia de qualquer calibre, o que não seria preciso para o da estatua, na qual correu liquida para a fôrma a massa enorme de 653¼ quintaes de bronze derretido? — Bem logrou-se o complemento da obra, ficando a imagem colossal de D. José I, perfeita e acabada por tal fórma, que o proprio estatuario diz a respeito de Costa o seguinte: — «.... entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor lugar de suspeita, porque tenho mais razões para conhecer o primor com que a fundição exprimio tudo quanto a esculptura fez.» — Um dos objectos de maior ponderação neste trabalho é o esqueleto ou armação de ferro, que fica dentro do bronze, e que deve occupar o seu justo e devido lugar; o que bem desempenhou o mencionado engenheiro, construindo por sua invenção um instrumento dimensorio (especie de grande compasso) para tomar as competentes medidas, antes de se forjarem as peças da referida armação, cujo peso total é de 100 quintaes de ferro. Organisado e fixo o esqueleto no fosso aonde a estatua se havia fundir, seguio-se a fazer-se na mesma armação o macho da fôrma, por direcção do mesmo engenheiro, e encrustado o dito macho com as cêras, fez nestas os ultimos reparos o esculptor. Vejamos agora como este explica o ultimo

processo: — « Esta manobra de assentar as cêras no esqueleto contém em si dous objectos; um é o referido assentamento, outro é ir juntamente construindo o macho ou caroço que fica dentro da cêra, para que o metal não encha todo o vacuo, mas só o espaço que occupa a cêra, o qual a seu tempo, e á força de fogo, se faz expellir, para o metal ir depois introduzir-se no lugar que a cêra occupava; e, acabado que foi este trabalho, tornei com os meus operarios a dar os ultimos retoques no meu modelo de cêra já encrustada, sobre o predicto esqueleto de ferro, e referido macho ou caroço. Concluido já de todo este modelo, passou de minha administração á do fundidor, para sobre elle se fazer a ultima fôrma, e tanto que se ella acabou e seccou se cozeu com bem dirigido fogo. Neste cosimento, em que a cêra se ia derretendo, ia tambem ao mesmo tempo sahindo da fôrma por canaes que para isso se lhe deixárão; em cujos vacuos se lhe introduz depois o metal, antes de esfriar a dita fôrma: para o que se passou immediatamente a derreter o bronze, que assim esteve na sua competente liquefacção, se abrio o dique ou forno em que se achava derretido, cuja evacuação total foi indicio feliz de se ter enchido a fôrma com bom successo.

« Decorrido o tempo necessario para se congelar e esfriar o metal, extrahirão-se as terras da cova em que a figura se fundíra, e, desfeita a fôrma, appareceu a estatua como no centro de uma arvore de bronze, por causa das ramificações dos gitos

que a circundavão. Passou logo Machado a dirigir o retoque a cinzel, executado por oitenta e tres artistas do arsenal do exercito e da officina de marmores da Praça do Commercio, trabalho em que se gastárão 63 dias.

« A 20 de Maio de 1775 foi suspensa a estatua do fosso em que a fundírão e retocárão, construindo-se, para a levantar, sob a direcção do tenente-general Costa, uma machina similhante á que, para igual effeito servio em Pariz de erguer a estatua equestre de Luiz XV, mas, com mais uma circumstancia vantajosa; isto é, na machina franceza só havia movimento de andar para diante; e Bartholomeu da Costa deu á sua o movimento de ladear em angulo recto para poder sahir a figura da caza, pertencente á fundição da artilharia, em que estava, e collocar-se no carro de transporte, sobre o qual ficou assente no dia immediato, começando a sahir para o lugar do seu destino no dia 22 de Maio. Na conducção se gastárão tres dias e meio consecutivos, e que foi causa dos ralhos e motejos dos ignorantes impacientes, contra o architecto das obras publicas (Raynaldo Manoel dos Santos) incumbido dos transportes; porque, não conhecendo elles os obstaculos e a complicação da manobra, pensavão que o mesmo era sahir aquella ingente molle da casa da fundição, do que estar em poucas horas levantada sob o seu elevado pedestal.

Sempre a quem ignora as difficuldades parecêrão faceis as emprezas! Não sabião tambem que

sendo o peso da estatua de Luiz XV muito menor que o da estatua de D. José I consumio no seu transporte o mesmo espaço de tempo por igual extensão de caminho. A referida estatua em Pariz não tem mais de vinte e quatro palmos, e a nossa tem trinta e um: a saber, até o ultimo contorno da cimeira do capacete, fóra as plumas, contão-se 27 7/10, e com o dito ornato de plumagem completa os 31 palmos.

« No transporte puchavão os cordões muitos trabalhadores, aceadamente vestidos, que fazião o trabalho; mas, por maior consideração, tambem pegavão nos mesmos cordões a corporação da casa dos vinte e quatro, precedida do juiz do povo e muitas pessoas distinctas da repartição das Obras Publicas. A collocação da estatua sobre o pedestal foi encarregada a João dos Santos, sota-patrão-mór da ribeira das náos; e a este respeito copiaremos do livro de Machado o seguinte § do Cap. X: « Quem vê as estampas da machina ou andaime que se construio em Pariz, para elevar e collocar no pedestal a estatua de Luiz XV, acha que ella, sem duvida, parece mais artificiosa (por menos commum) que a de que usou o patrão-môr; porém esta, além de ter sido ainda menos arriscada, e muito mais segura que a de Pariz, foi tambem muito mais economica; porque, na franceza, na sua construcção forçosamente se havião cortar muitas madeiras, em cujos córtes é inevitavel o desperdicio; e o patrão-mór construio uma cábria de varios mastros, que tirou do Arsenal de Marinha, cujos

mastros, cadernaes, moutões, cordames, etc., tudo tornou para o mesmo Arsenal, sem perder-se cousa alguma. » A' vista do innumeravel concurso de povo, estando ricamente armadas as tres faces da Praça do Commercio; e tendo a côrte, para fazer mais luzido o espectaculo, dispendido avultadas quantias, foi suspensa e assentada na sua base permanente a colossal estatua, com geral satisfação e applauso. Observa-se nesta bella obra das artes, estatuaria, efusoria, uma particularidade, que a distingue de muitas identicas, e que deu lugar a que fosse montuoso o plintho ou base. Parece, á primeira vista, que a razão desta escabrosidade, e de apparecerem as silvas e serpentes por toda ella espalhadas será uma allegoria allusiva aos obstaculos, tropeços e vicios que o monarcha venceu, calcou e reprimio; assim, na reedificação da capital, como no bom regimen do estado; mas não houve só esta razão apparente. Machado artificiosamente quiz encobrir, com os collos das serpes e o emmaranhado do silvado, a vigota de ferro que sahe do pé esquerdo do cavallo, e é um dos pontos de segurança, que em outras estatuas fica patente desde o pé, que está como no ar, em fórma de mover-se até á base; posto que os gravadores, nas estampas de taes estatuas, não indiquem essas vigotas para que os cavallos não pareção aleijados. O talento do nosso esculptor soube remediar esse defeito. »

BRAZÕES DAS ARMAS

DAS

CIDADES DE PORTUGAL.

LISBOA

Tem por armas uma náo com dois corvos em um escudo, discorrendo de pôpa á prôa.

EVORA

Tem por armas em campo branco um homem armado a cavallo, tendo em uma mão a espada e na outra uma cabeça de moça pendurada pelos cabellos.

PORTO

Tem por armas duas torres e no meio a SS. Virgem com o Menino Jesus nos braços.

BRAGA

Tem por armas, no meio de duas torres, a SS. Virgem com o Menino Jesus nos braços, com uma Mitra Pontifical, con esta legenda — Insignia filitis, et ani quœ Bracara.

SANTAREM

Tem por armas uma torre com tres baluartes, e um rio ao pé, e sobre a porta da torre as Armas Reaes de Portugal.

VISEU

Tem por armas uma torre com tres baluartes com um pinheiro de um lado, e do outro lado um homem com uma bosina.

LAMEGO

Tem por arma uma torre com tres baluartes, cercada por cima com o Céo, Sol, Lua, e Estrellas, tendo ao lado uma arvore com uns pômos.

GUARDA

Tem por armas uma torre com tres baluartes, e no meio as Armas Reaes de Portugal.

BRAGANÇA

Tem por armas em escudo branco uma torre, ou castello.

BEJA

Tem por armas em escudo um campo ameno, uns muros com torres, e no meio uma cabeça de touro, e sobre os chifres as Armas Reaes de Portugal, com uma aguia do lado esquerdo e outra do direito.

LEIRIA

Tem por armas um pinheiro verde.

PORTALEGRE

Tem por armas uma torre ou castello com suas ameas.

COIMBRA

Tem por armas uma donzella mettida em um vaso, por cima do qual se está vendo dos peitos para cima, com as mãos e os olhos levantados ao Céo, como que lhe está pedindo favor e auxilio contra um leão e uma serpente, que de uma e outra parte a estão combatendo; tendo na cabeça uma corôa de victoria.

ELVAS E SILVES

Tem os escudo em branco.



ADVERTENCIA.

Por mera curiosidade, juntamos ao presente Indicador, as narrações historicas que se seguem; com o fim unico de proporcionarmos ao leitor algumas horas de distracção, recordando-lhes factos notaveis da historia de Portugal. Tambem debaixo deste principio, apresentamos a discripção da chegada, fallecimento, e sahida do feretro de Sua Magestade Sarda, Carlos Alberto, Conde de Barge; que falleceu na cidade do Porto em 1849. — Sendo (nos parece) o primeiro rei estrangeiro que veio morrer em terras de Portugal; e que por esta circumstancia tudo quanto de honor se lhe fez, causa, por sem duvida, muita gloria aos Portuenses em particular, e a todos os Portuguezes em geral.

CARTA MEMORAVEL

Em que pede D. João de Castro um emprestimo aos habitantes de Gòa, mandando-lhes suas barbas em penhor.

(D. João de Castro foi chamado de sua rezidencia de Cintra à cidade de Evora, onde El-Rei D. João III tinha a sua côrte, para tomar conta do governo da India; e para ali sahio com a armada em 17 de Março (*) de 1545.)

« Senhores Vereadores, Juizes e Povo da muito nobre, e sempre leal cidade de Gôa; os dias passados vos escrevi por Simão Alvares, cidadão dessa cidade, as novas da victoria, que Nosso Senhor deu

(*) *Jacinto Freire de Andrade.*

contra os capitães d'El-Rei de Cambay, e callei na carta os trabalhos, e grandes necessidades em que ficava, por que lograsseis mais inteiramente o prazer, e contentamento da victoria; mas já agora me pareceu necessario não dissimular mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos em que fico, e pedir-vos ajuda para poder supprir e remediar tamanhas cousas, como tenho entre mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio derribada até o cimento, sem se poder a proveitar um só palmo de parede; de maneira, que não sómente é necessario fabrica-la este verão de novo, mas ainda de tal arte, e maneira, que perca as esperanças El-Rei de Cambaya, de em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos para mim muito mais incomparavel de todos, que são as grandes oppressões, e contínuos achaques, que me dão os lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, por que de outra maneira se me irião todos, e ficarei só nesta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande perigo, e por esse respeito toda a India, como quer que os capitães d'El-Rei de Cambaya com a gente que ficou do desbarato, estão em Suna, que é duas leguas desta fortaleza, e El-Rei lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra batalha; para as quaes cousas me é grandemente necessario certa somma de dinheiro, pelo que vos peço muito por mercê, que por quanto isto importa ao serviço d'El-Rei

nosso senhor, e por quanto cumpre a vossas honras, e lealdades, levardes á vante o vosso antigo costume, e grande virtude, que é acudirdes sempre ás extremas necessidades de Sua Alteza, como bons, e leaes vassallos seus, e pelo grande, e entranhavel amor, que a todos vos tenho, me queirais emprestar 20$000 pardáos, os quaes vos prometto como cavalleiro, e vos faço juramento dos Santos Evangelhos de vol-os mandar pagar antes de um anno, posto que tenha, e me venhão de novo outras oppressões, e necessidades maiores, que as de que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar D. Fernando meu filho, que os Mouros matárão nesta fortaleza, pelejando por serviço de Deos, e d'El-Rei nosso senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas achárão-no de tal maneira, que não foi licito ainda agora de o tirar da terra, pelo que não ficou outro pinhor, salvo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues de Azevedo; por que como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente uma verdade secca, e breve, que me nosso Senhor deu. Mas para que tenhaes por mais certo vosso pagamento, e não pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira podem ficar sem elle, como outras vezes aconteceu, vos mando aqui uma provisão para a thesouraria de Gôa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia, que forem rendendo, até serdes pagos. E o

modo que neste pagamento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por escusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos em que fico, por que tenho por muito certo, por todos os respeitos, que acima digo, haverdes de fazer nesta parte tudo, e mais do que puderdes, sem intervir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas, e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. Encommendo-me senhores, em vossas mercês. De Dio a 23 de Novembro de 1546.—D. João de Castro. »

« — Chegando o mensageiro a Gôa, lhe respondeu o povo com maior quantia, que a pedida, vendo que tinhão um governador tão umilde para rogar, tão grande para os defender!.. Remettêrão-lhe outra vez aquelles honrados penhores. »

DECLARAÇÃO MEMORAVEL

que faz D. João de Castro, perante os grandes da cidade de Gôa, achando-se presente o padre S. Francisco Xavier, seu companheiro.

(Morreu este leal e heroico portuguez D. João de Castro, na India, em 6 de Junho de 1548, com 48 annos de idade; foi depositado seu venerando feretro na Igreja de S. Francisco de Gôa, para d'ali se trasladar á sua capella de Cintra.)

« Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vice-rei da India faltão nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao

Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho e empenhei os cabellos da barba, porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma galinha; por que nas armadas que fiz, primeiro comião os soldados os salarios do governador, que os soldos do seu Rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Peço-vos, que em quanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real uma honesta despeza, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente.»

GRANDE E CURIOSO EPITAPHIO

Que o principe dos poetas, Luiz de Camões, dedicou na India á memoria d'El-Rei D. João III, e que infelizmente nunca foi posto em seu jazigo.

«Quem jaz neste tumulo? Quem é o homem que os illustres symbolos deste forte escudo nos fazem lembrar? A isto se reduzem as cousas humanas; mas o ente que aqui existe, governou outr'ora tudo e pôde tudo.

Foi Rei, e fez quanto qualquer Rei deve fazer. Curou tanto da paz como da guerra. Tão leve lhe é agora a terra, quanto elle foi pesado ao mouro inculto.

Será um Alexandre? Ninguem se illuda. E' mais estimado o que sabe conservar, do que o que só

trata de conquistar. Seria um Adriano, poderoso monarcha da terra?

Foi o mais fiel observador das leis do Altiissimo. Será um Numa? Não: — é D. JOÃO III DE PORTUGAL, que nunca terá emulo no mundo. »

CURIOSA DISCRIPÇÃO

De objectos grandiosos, no tempo de El-Rei D. Sebastião, e quando veio a Lisboa o legado de Sua Santidade.

« Esta capella (*) (a dos paços d'Alcaçova) é de bom tamanho. Tem um S. Miguel expulsando Lucifer, que é obra de mestre; está forrada de tapeçarias, uma das quaes representa ao natural El-Rei D. Manoel, rodeado do conselho dos grandes, quando resolveu mandar conquistar as Indias, que hoje chamão de Portugal. E' de grande preço...

Quando o legado voltou para a sua camara, os administradores do thesouro real lhe levárão para ver uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feitos na India. O corpo della ou assento é de ouro, e as orlas lavradas subtilissimamente. Está toda semeada de rubins, diamantes, perolas, e outras joias semelhantes. Dizem que vale 900 mil escudos, e é peça só digna de um rei... Na segunda feira seguinte fomos ver o arsenal, ou armaria de El-Rei, pegado com a praça principal, á beira do

(*) Al. Herculano.

Tejo. Na verdade é cousa digna de espanto! Compõe-se de tres grandes salas todas cheias. Os cassoletes, que ali ha são para 50,000 homens. N'outra sala estão lanças para outros tantos, e n'outra morriões e arcabuses para igual numero de soldados, além de 30,000 armaduras inteiras para a cavallaria. Fomos tambem ver as cavalhariças reaes, que estão junto a S. Domingos. Havia nellas 200 ginetes todos excellentes, e tratados com grande estimação. »

A LARANGEIRA.

E' facto veridico, de se ter em Lisboa cultivado a primeira larangeira da China, que o celebre e prestante D. Francisco Mascarenhas trouxera da Asia no anno de 1648 — e de então se propagou esta utilissima arvore que dá tão boa e deliciosa fructa, por todo o reino de Portugal e pela Europa; passando depois á America e ao, então, novissimo paiz do Brazil.

EMBAIXADA D'EL-REI D. MANOEL AO PONTIFICE LEÃO X

Pelo faustoso motivo das conquistas nas Indias, e grandioso presente que a esta embaixada acompanhou, para Sua Santidade.

(*) Em principio do anno de 1514, sahírão de Lisboa em direcção a Roma, os embaixadores Tris-

(*) *Port. Pittoresco.*

tão da Cunha — seu filho Nuno da Cunha — Simão Vaz da Cunha — Pero Vaz da Cunha — Diogo Pacheco — e João de Faria, illustres e sabios portuguezes, que tanto lustre dérão á nação portugueza; chegárão a Roma e forão recebidos por Sua Santidade o Papa Leão X; sahindo aquelles do palacio do cardeal Adriano, em 12 de Março de 1514, acompanhado de numerosos musicos a cavallo, ricamente vestidos e tocando seus instrumentos. Seguião-se 300 machos com ricos jaezes e carregados de alcatifas da India e sedas; 300 criados vestidos com magnificas librés os ião guiando pela redea. Seguia-se logo o rei d'armas de D. Manoel com uma capa em que se vião bordadas as armas de Portugal rodeadas de um circulo de perolas e rubins, e após elle ião 50 gentis-homens a cavallo, vestidos de brocado e com chapéos cobertos de grandes perolas! nada igualava á riqueza de suas gargantilhas, e tal era o luxo dos jaezes, que os freios dos cavallos e os estribos érão d'ouro maciço guarnecidos de pedras preciosas de muito valor; o que se tornava sobre tudo notavel era um elephante indio trazido de Gôa. Elle levava o cofre, que continha os presentes enviados por El-Rei D. Manoel ao Papa; um panno tecido d'ouro, e com as armas de Portugal, cobria o dito elephante até aos pés. Um cavallo persa de grande preço, que o Rei de Ormuz enviára a El-Rei de Portugal seu novo alliado, seguia o elephante; um caçador ia montado no dito cavallo, que levava na garupa uma dessas ageis onças, que os persas tão bem sabem exercitar

na caça das gazellas. Os embaixadores do Imperio Germanico, da França, Castella, Polonia, Veneza, Lucea, e Bolonha, forão ao encontro dos enviados portuguezes. No castello de Santo Angelo se achava Sua Santidade o Papa com os cardeaes para receber a embaixada. Chegado que foi ali o acompanhamento, salvas de artelheria o saudárão; mil acclamações se ouvião em honra d'El-Rei de Portugal. Quando o elephante chegou ante Sua Santidade, obedecendo á voz do seu conductor, fez tres genuflexões; e, lançando pela tromba grande quantidade d'agua de cheiro, que fôra preparada para esta circumstancia, com ella borrifou o Santo Padre e o sacro collegio. O presente enviado pelo soberano de Portugal a Sua Santidade, consistia n'um pontifical de brocado com primor bordado de pedras preciosas, como diamantes, amethistas orientaes, esmeraldas e rubins; uma mitra, um annel pontifical, cruzes, calices, thuribulos do ouro mais puro, guarnecidos de pedras preciosas, e feitos a martello. E para cumulo de magnificencia, muitas medalhas d'ouro tamanhas como grandes maçãas, forão distribuidas.

Leão X recebeu os embaixadores com extraordinarias honras: Diogo Pacheco orou em latim, e o Santo Padre lhe respondeu no mesmo idioma. Notou-se que Sua Santidade prolongou a sua resposta muito mais do que costumava nestas occasiões, insistindo na gloria que cabia á nação Portugueza e a El-Rei D. Manoel por tão grandes descobrimentos. Terminada a resposta o Santo

Padre se levantou para se ausentar, e Tristão da Cunha, levando erguida a cauda da capa pontifical, o acompanhou até ao seu gabinete. »

HONRAS FUNEBRES

Mandadas fazer por El-Rei D. Pedro I ao feretro da sua linda e saudosa consorte a infeliz D. Ignez de Castro.

(*) E querendo El-Rei D. Pedro honrar os ossos de D. Ignez de Castro, visto que já não podia fazer mais, mandou-lhe erigir um tumulo de pedra branca, lavrado com primor, tendo em cima a imagem de D. Ignez com a corôa na cabeça, como se ella houvesse sido rainha; e este tumulo foi collocado no mosteiro d'Alcobaça. Para este mosteiro mandou El-Rei D. Pedro trasladar o corpo de D. Ignez de Castro do convento de Santa Clara em Coimbra onde jazia.

Vinha o feretro n'uma liteira mui bem ornada para aquelle tempo, a qual era levada por illustres cavalleiros, seguidos dos fidalgos e outras muitas pessoas, damas e ecclesiasticos. Pelo caminho estavão homens com brandões na mão, dispostos de modo que o corpo foi sempre levado por entre tochas accesas.

Desta sorte chegou o corpo de D. Ignez de Castro ao mosteiro d'Alcobaça, que dista 17 leguas do de Santa Clara!.. e foi posto no tumulo, com mui-

(*) Fernão Lopes.

tas solemnidades. Não se havia visto até áquelle tempo em Portugal mais honrosa trasladação.

Do mesmo modo mandou El-Rei D. Pedro fazer outro tumulo para si, e quiz que o collocassem apar do de D. Ignez de Castro, para nelle ser depositado, quando viesse a fallecer.

EPITAPHIO AO HEROE

D. NUNO ALVARES PEREIRA.

Lia-se outr'ora na igreja dos religiosos Carmelitas de Lisboa o epitaphio do grande homem, concebido nestes termos:

Nuno Alvares Pereira,
Condestabre de Portugal,
Jaz aqui desta maneira
Que foi na batalha real,
A mais singular bandeira.
Capitão mui valeroso
E por tal mui conhecido
O qual nunca foi vencido
Mas sempre victorioso
Dos inimigos mui temido.

CASAMENTO HISTORICO E CAVALHEIRESCO.

(*) «Na época em que vivia o Conde D. Henrique, pai d'El-Rei D. Affonso Henriques, havia no convento d'Arouca uma joven e formosa abbadessa,

(*) Agiologio Luzitano.

que gosava de uma alta reputação de santidade; os grandes da terra implorávão o seu favor quando se vião em afflicção, e os pobres ião recommendar-se humildemente a suas orações. O proprio Conde D. Henrique, na vespera da batalha que dava aos mouros, costumava visitar a abbadessa do convento d'Arouca, d'onde saía mais forte: « Um dia, refere o antigo historiador, em que o conde foi visitala comsigo levou um nobre e joven mouro. Logo que este vio a moça abbadessa, tão digna todavia de respeito, namorou-se de tal modo da sua gentilesa, que declarou ao conde que abraçaria o Christianismo se lha dessem por esposa; porém o Conde que sabia a impossibilidade de semelhante união, em continente desenganou o mouro. Informada disto, Rosimunda, (que assim se chamava a joven abbadeça) começou a recitar uma affectuosa oração, supplicando a Deus que allumiasse aquella alma; depois mandou pedir ao Conde que com o mouro se fosse á igreja; e, acompanhada pelas religiosas, o aguardou á porta do santo logar; chegando o mouro junto de Rosimunda, esta, pegando-lhe na mão, lhe disse: « Tu me amastes com vehemencia, e desejastes haver-me por mulher; o Conde não consentio, mas o que elle não póde, vai fazel-o o meu Senhor Jesus Christo, que quer que ambos sejamos unidos na mesma fé. » O mouro, tendo penetrado na igreja, allumiado pelo espirito divino, se converteu e foi um grande e perfeito Christão. »

AUTO DO JURAMENTO

Que El-Rei D. Affonso Henriques deu sobre a Vizão do Campo d'Ourique; e que diz a historia ter sido este importante documento, levado em original para Castella ao 1º Filippe que governou Portugal, e que fòra achado na livraria do mosteiro d'Alcobaça, de que ficou copia em as notas de um tabellião publico de Lisboa.

(*) Eu D. Affonso, Rei de Portugal, filho do illustre Conde D. Henrique, neto do grande Rei D. Affonso: presentes vós o Bispo de Braga, e o Bispo de Coimbra, e o Theotonio, e os mais magnates, officiaes, e vassallos do meu Reino: Juro por esta cruz de metal, e por este livro dos Santissimos Evangelhos em que ponho a mão, que eu misero peccador com estes meus olhos indignos vi a Deus Nosso Senhor Jesus Christo, posto em uma cruz, nesta fórma. Eu estava com meu exercito nas terras do Alemtejo, no Campo d'Ourique, para pelejar com Ismael, e outros quatro reis mouros, que tinhão comsigo infinitos milhares de homens. E a minha gente, atemorisada com esta multidão, estava enfadada, e muito triste; em tanto, que muito dizião ser temeridade começar a guerra. E eu triste por aquillo, que ouvia, comecei a cuidar comigo, que faria; e tinha um livro na minha tenda, no qual estava escripto o Testamento Velho, e o Testamento de

(*) Mariz.

Jezus Christo: abri-o, e li nelle a victoria de Gedeão, e disse entre mim: Vós sabeis Senhor Jesus Christo, que por vosso amor faço esta guerra contra vossos inimigos, e que na vossa mão está darme amim, e aos meus fortaleza para que vençamos aquelles blasfemadores do vosso nome. E dizendo isto, adormeci sobre o livro; e logo vi um velho, que se vinha para mim, e me dizia: Affonso, confia, porque vivirás, e desbaratarás estes reis, e quebrantarás os seus poderes, e o Senhor se te hade mostrar. Estando eu vendo isto, chegou-se amim João Fernandes de Souza, vassallo de minha camara, e disse-me: Senhor, levantai-vos: está aqui um homem velho, que vos quer fallar. Entre, disse eu então, se he fiel. E entrando elle, onde eu estava, conheci ser aquelle mesmo, que eu tinha visto na visão. O qual me disse, Senhor, está de bom animo, vencerás, vencerás e não serás vencido: és amado do Senhor; porque sobre ti, e sobre teus descendentes depois de ti, tem posto os olhos de sua misericordia até á decima sexta geração, na qual se diminuirá a descendencia; mas na mesma assim diminuida, o mesmo Senhor tornará a pôr os olhos, e verá. Elle me manda dizer-te, que tanto que ouvires esta noite, que vem, tanger a campainha da miuha Ermida, na qual vivi sessenta e seis annos, entre os infieis, guardado com o favor do Altissimo, sahirás de teu arraial só, e sem companheiros, e mostrar-te-ha sua muita piedade. Obedeci e com muita reverencia posto em terra, venerei o Embaixador, e a quem o mandava. E estando

em oração esperando o som da campainha, já na segunda vigilia da noite, a ouvi. Então armado com a espada, e escudo sahi do arraial, e vi subitamente para a parte direita contra o Oriente hum raio resplandecente, e o resplandor crescia pouco, e pouco em mais: e quando naquella parte puz os olhos com efficacia, logo no mesmo raio, mais claro que o sol, vejo o signal da Cruz, e Jesus Christo nella crucificado, e de huma, e outra parte multidão de mancebos alvissimos, que eu creio érão os Santos Anjos. A qual visão tanto que eu vi, posta á parte a espada, escudo, e deixado os vestidos, e calçado, humilhado me lancei em terra: e ahi derramando muita copia de lagrimas, comecei a rogar pelo esforço de meus vassallos. E nada turbado disse: Vós a mim, Senhor! Porque? Aquem já crê em vós, quereis accrescentar a fé? Melhor será que vos vejão os infieis, e creião, e não eu, que com a agua do Baptismo, vos conheci, e conheço pelo verdadeiro Filho da Virgem, e do Padre Eterno. A cruz era de admiravel grandeza, e levantada da terra quasi dez covados. O Senhor com um suave orgão de voz, que meus indignos ouvidos recebêrão me disse: Não te appareci desta maneira para te accrescentar a Fé, mas para fortalecer o teu coração neste conflicto. E para estabelecer, e confirmar sobre firme pedra os principios do teu Reino, confia, Affonso, porque não sómente vencerás esta batalha, mas todas as outras, em que pelejares contra os inimigos da Cruz. Tua gente acharás alegre para a guerra, e forte, pedindo-te, que com nome de Rei entres

nesta batalha: não duvides, mas concede-lhe liberalmente o que te pedirem, por que eu sou o que faço e desfaço reinos e imperios. E' minha vontade edificar sobre ti, e sobre tua geração, depois de ti, um imperio para mim; para que o meu nome seja levado a gentes estranhas. E porque os teus successores conheção quem te deu o reino, fabricarás o teu escudo de armas com a divisa do preço, com que eu comprei o genero humano, e com o que eu fui comprado dos Judeus; e ser-me-ha um reino santificado, puro na Fé, e pela piedade amado. Tanto que ouvi estas cousas; prostrado em terra o adorei, dizendo: Senhor, por que merecimentos me annunciais tanta piedade? Farei o que mandais: e vós ponde os olhos de misericordía em os meus descendentes, como me prometteis; e a gente de Portugal guardai e salvai: e se contra elles algum mal tiverdes determinado, antes o convertei todo em mim; e a meus successores, e o meu povo, que amo tanto como unico filho, absolvei. Consentindo o Senhor, disse: « Não se apartará delles, nem de ti alguma hora, minha misericordia; porque por elles tenho aparelhado para mim grande sementeira, porque os escolhi por meus semeadores para terras mui apartadas e remotas. » E dizendo isto, desappareceu; e eu, cheio de confiança e suavidade tornei ao exercito. E que tudo passou assim, eu El-Rei D. Affonso o juro pelos Santissimos Evangelhos de Jesus Christo, em que ponho a mão. Pelo que mando a meus successores que tragão por divisa e insignia cinco escudos, partidos em cruz.

por amor da Cruz e cinco Chagas de Jesus Christo; e em cada um trinta dinheiros de prata, e em cima a serpente de Moysés, por ser figura de Christo. E esta será a divisa de nossa nobreza em toda a nossa geração. E se alguem outra cousa intentar, será maldito do Senhor, e com Judas traidor atormentado no Inferno. Feita em Coimbra a vinte e oito de Outubro, da Era de Christo mil cento e cincoenta e dous.

Eu, Dom Affon✝so, Rei de Portugal.

D. Gonsalo de Sousa, Procurador de Guimarães.

D. João, Bispo de Coimbra.

D. João, Metropolitano de Braga.

D. Theotonio, Prior.

Payo Mendes, Procurador de Braga.

Soeyro Martins, Procurador de Coimbra.

D. Fernão Peres, Mordomo-Mór.

Pedro Paes, Alferes-Mór.

Vasco Sanches.

Affonso Mendes, Alcaide-Mór de Lisboa.

Mendo Peres, por Mestre Alberto, Chanceller.

D. Sebastião, em 1573, passando pela Batalha, mandou alli erigir um memoravel arco com a inscripção seguinte, composta pelo illstre e grande sabio André de Rezende: — Hic Contra Ismareum Quatuorque, Alios Saracenorum Regis. Innumeramque Barbarorum Multitudinem Pugnaturus Felix Alfonsus Henricus, Ab exercitû Primus Lusitan. Rex Adpellatus est et a Christo Qui Ei Crucifixus Adparuit; Ad Tortiber Agendum Communitus, copiis exiquis Tantam Hostium Stragem Edidit; Ut Cobris Ac Tergis Fluviorum Confluentes Cruore Inundarint. In Gentis Ac Stupendar Rei, Ne In loco Ubi Gesta Est, Per Infrequentiam Obsolescerit, Sebastianus I Lusit. Rex Bellicæ Virtutis Admirator, Est Majorum Suorum Gloriæ Propagator, Erecto Titulo Memoriam Renovavit.

S. M. O REI DA SARDENHA

CARLOS ALBERTO.

(*) Sabbado 28 de Julho de 1849, ás 3 horas e meia da tarde, exhalou o seu ultimo suspiro Sua Magestade o Sr. Conde de Barge, Carlos Alberto Amadeo, na sua real e provisoria residencia de Entre-Quintas da invicta cidade do Porto, que elle havia escolhido para seu asylo depois de perdida a batalha de Navarra (commandando 100,000 soldados nas ribeiras de Mincio!...) « È il mio ultimo giorno; lasciatemi morire — disse elle ao General Durand, quando o arrancava de uma posição perigosa nesta batalha. Fugindo da sua Italia, atravessou a França e a Hespanha, sem o mais pequeno repouso;

(*) Periodico dos Pobres do Porto.

a cidade do Porto o recebeu em seu seio no dia 20 de Abril, e tão cêdo acaba de perdê-lo, que mais parece um sonho que uma realidade.

Poucos momentos antes de se lhe extinguir essa restia de vida, que ainda lhe animava o semblante magestoso, o Sr. De-Launay, Consul geral da Sardenha, que sempre lhe fizera constante companhia, fez saber a S. Ex. o Sr. Governador civil Lopes de Vasconcellos o desejo que tinha de que as autoridades assistissem aos ultimos instantes daquelle que quizera ser Cidadão Portuense, e que fôra Rei da Sardenha. Apresentárão-se logo, mas já tinha expirado, na residencia real SS. EE. os Srs. Bispo da diocese D. Jeronymo da Costa Rabello, Governador Civil, Commandante General da 3.ª Divisão, Presidente da Camara Municipal, dito da Relação, Director Geral da Álfandega e Secretario Geral do Governo Civil, Conde de Terena e seus filhos, bem como o Consul da Republica franceza e Vice-Consul da Sardenha, e os cavalheiros Antonio Pereira Pinto Bastos Junior e Francisco d'Assiz Silva Amaral.

Foi quasi na presença destes respeitaveis cavalheiros, e na do Consul Geral da Sardenha, do seu capellão e confessor o Sr. Padre Peixoto e dos seus familiares, que o Sr. Conde de Barge terminou a sua carreira procellosa e cavalheiresca, tendo preenchido todos os deveres da Religião Catholica Romana, e podendo apenas fixar seus olhos moribundos n'um bello quadro da Mãi de Deos, que fôra a sua inseparavel Companhia e o seu unico

entretenimento durante a sua penosa residencia nesta cidade.

Uma bateria collocada na Torre da Marca principiou a dar tiros de quarto em quarto d'hora, e todos os sinos da cidade correspondêrão lugubremente a este annuncio aterrador. Fechou-se nessa noite e hontem o Theatro Lyrico, e suspendêrão-se os divertimentos publicos; as torres e fortalezas, bem como as embarcações nacionaes e algumas estrangeiras surtas no rio, arvorárão o signal de lucto; e os guardas e sentinellas conservão as armas em funeral, e os sinos dóbrão. A maioria da população vestio lucto dous dias e no do funeral. O Conde de Barge tinha nascido a 2 de Outubro de 1798. Foi acclamado Rei de Sardenha em 27 de d'Abril de 1831; casou em 30 de Setembro de 1817, com a Archi-Duqueza d'Austria Maria Thereza, filha do Grão-Duque da Toscana Fernando, e morreu longe de sua mulher.

No Domingo 29 do mesmo mez de Julho lavrou-se o auto do fallecimento de S. M. o Sr. Conde de Barge, com assistencia de todas as autoridades e do Encarregado da Sardenha e dos facultativos assistentes. No dia 30 do dito mez de Julho se embalsamou o regio cadaver, que esteve exposto ao publico nesse dia e no seguinte, na sua camara e no leito de morte. Estava vestido de manto de Grão-Mestre da Ordem de S. Mauricio, com habito vermelho, em que havia uma cruz bordada; tinha sapatos de seda branca; na cabeça um gorro de veludo, com uma pluma branca. Tinha nas mãos

um pequeno Santo-Christo de prata. Aos pés do leito estavão a corôa e o sceptro e a insignia de Grão-Mestre. Quatro alas de luzes ardião em torno do leito, que era guardado por Ecclesiasticos. A sala estava armada de vermelho. Aos pés do leito estavão, da esquerda o Sr. de-Launay, Encarregado de Negocios da Sardenha, de grande uniforme; e da direita o Commandante da Guarda. A Guarda de Honra era de Infantaria n. 6 e Guarda Municipal. A' porta do edificio estava a bandeira da Sardenha. Distribuião-se esmolas pelos pobres.

No dia 1 d'Agosto do mesmo anno de 1849 teve lugar o melancolico acto da trasladação e deposito do cadaver de Sua Magestade o Sr. Conde de Barge. O prestito luctuoso sahio da real residencia de Entre-Quintas depois das 5 horas da tarde, e seguio as seguintes ruas — Praça da Torre da Marca, Carregal, Carmo, Clerigos, Porta de Carros, Feira, Loureiro, rua Chãa, Sé. O carro funebre, em que ia o real cadaver era puchado por oito machos cobertos de preto. Levava junto do féretro a corôa e sceptro, a espada e as insignias das ordens de S. Mauricio e S. Lazaro, de S. Estevão e da Annunciada. Ao lado do carro funebre ião duas alas de Clerigos de sobrepeliz com tochas. Era acompanhado em seges por todas as autoridades superiores, Camara Municipal, Grandes do reino, titulares, por Mr. De-Launay, Encarregado dos Negocios da Sardenha; e pelo parocho e capellão de S. M. Vinha na frente do prestito um esquadrão de cavallaria, e era este fechado por outro esquadrão de

igual arma. A Camara Municipal era quem precedia o carro funebre, indo depois o Exm.° Governador Civil, que fechava o cortejo dos convidados. Ao carro funebre seguia Mr. De-Launay. A tropa da guarnição formou no Largo da Torre da Marca; e depois marchou, precedida do Exm.° Conde do Cazal e do seu estado-maior, em seguimento do cortejo, até á Sé. Chegou á Cathedral quasi ás Ave-Marias, e á porta do templo foi recebido por S. Ex. o Sr. Bispo da Diocese, Cabido e Clero, e recebêrão os cordões do panno que cobria o athaude SS. EE. o Encarregado de Negocios Mr. De-Launay, os Grandes do reino, Condes de Terena, Samodães, Casal; Viscondes de Ferreira, Gouvêa e Barão d'Ancede. Seguião-se ao ataude os Srs. Cavalheiro Borbone, o secretario d'El-Rei e o Commandante da Guarda de honra. S. Ex. o Bispo da Diocese officiou; seguírão-se pelas cinco dignidades os cinco responsos a musica vocal e instrumental, terminando o acto com o deposiio do real cadaver na capella de S. Vicente; e lavrando-se em francez o auto do deposito e entrega do real cadaver ao Cabido, o qual foi escripto por Mr. De-Launay, e assignado pelas autoridades, Grandes do reino, Titulares, Consules, e mais pessoas de distincção, que se achavão presentes. Findo o acto, a tropa da guarnição, que se achava estendida pela rua Chãa e rua do Loureiro, deu as descargas do estylo, e o parque uma salva de artilheria, tendo dado outra quando o cadaver sahio da sua residencia. O templo estava todo forrado de baêtas pretas

e allumiado por grande numero de luzes: a guarda de honra era da Municipal. A Igreja estava cheia; tudo o que havia de nobre e distincto em todas as classes da sociedade ali se achava de luto pesado.

A guarda de honra que acompanhou o real cadaver todo o dia foi de infanteria n. 2, commandada pelo joven Conde de Samodães.

Durante a assignatura do auto do encerramento do caixão na capella de S. Vicente, esteve aberto o caixão exterior de mogno, havendo no de chumbo um vidro pelo qual se via o rosto do illustre fallecido: o caixão exterior tinha quatro chaves diversas, duas das quaes ficárão em poder do Cabido, a cuja guarda foi entregue provisoriamente o augusto feretro, e outras duas ficárão em poder do encarregado da Sardenha. No caixão de chumbo lia-se o seguinte epitaphio:

CARLO ALBERTO DI SABOJA

**Re abdicatario di Sardenha.
Nacque li 2 Ottobre 1798;
Sali al Trono li 27 Aprile 1831;
Abdicó a Navara li 23 Marzo 1849;
Mori in Oporto (Portugallo) li
28 Luglio 1849. Nell' eta' di anni
50, Mesi 9, Giorni 27.**

Durante os tres dias houve missas geraes nas igrejas da cidade de esmola de 480 réis.

A antiquissima capella de S. Vicente, onde se

acha depositado o cadaver de Sua Magestade Sarda, o Sr. Conde de Barge, fica ao sul do claustro da Sé cathedral da invicta cidade do Porto; está nella o jazigo dos bispos; tem de comprimento 59 palmos e 28 de largura. Acha-se forrada de baetas pretas com galões brancos. No meio da capella está uma urna coberta de panno preto, sobre a qual descança o caixão em que está fechado o real cadaver; o caixão está coberto de um rico véo de veludo carmezim, guarnecido de galões, franjas e borlas de prata fina. Em torno do caixão ardem doze lumes de cêra, em quanto a capella está aberta, e distribuidas pelo recintho ha mais 18 lumes. Sobre o caixão está uma almofada de seda branca, guarnecida de galão d'ouro, na qual está a corôa e mais abaixo o sceptro. O caixão tem 9 palmos e meio de comprido, e 3 e meio de largo; e tem uma lamina de bronze. Ha uma sentinella dos corpos da guarnição.

Sua Magestade o Conde de Barge foi embalsamado pelos senhores Luiz Pereira da Fonseca, Manoel Maria da Costa Leite, José Antonio d'Aguiar, e Antonio Faustino d'Andrade, tendo seguido para esse fim o methodo mixto da injecção e dos aromas.

Descripção exacta da ceremonia da trasladação do cadaver de S. M. Carlos Alberto, em o dia 19 de Setembro de 1849, da Sé cathedral do Porto para bordo do barco de vapor Monzanbano, da marinha real da Sardenha, surto no caes da Ribeira do Rio Douro.

Dirigido antecipadamente o convite pelo Sr Governador Civil, a todas as pessoas que devião for-

mar o prestito secular, e pelo Sr. Bispo da Diocese ás que devião formar o prestito ecclesiastico, estava preparado d'ante-mão, um programma baseado sobre o costume usado na côrte, dispondo-se que o prestito secular fosse adiante do prestito ecclesiastico, e que o acompanhamento das pessoas que da Sardenha vierão para esta ceremonia rodeassem o carro funebre do real feretro, e que fosse encerrado o sahimento unicamente pelos commissarios representantes da nossa côrte, e pela nossa camara municipal como representante da cidade.

Pelas onze horas da manhã, chegárão alguns familiares da Real Casa da Sardenha, conduzindo um riquissimo panno mortuario de veludo preto bordado a ouro e prata, tendo nos quatro cantos levantadas em relevo primoroso, o escudo das armas daquella nação: uma cruz de ilhama de prata atravessava todo o panno, e quatro borlas de canotões de ouro guarnecião os seus cantos. Com este panno foi coberto o real feretro, que na capella do claustro da Sé cathedral se achava depositado desde o dia 1.º d'Agosto passado. Esta capella, pela sua pequena dimensão não comportava a admissão geral dos convidados, e por isso foi restricta a entrada unicamente a quem tinha de prestar serviços neste acto.

Do lado do Evangelho havião duas cadeiras de espaldar, uma para o Sr. Bispo da Diocese, e outra para S. A. o Principe de Carignan, seguirão-se dous assentos para os senhores Generaes do estado maior do Principe e Generaes Sardos. Do lado da

Epistola estavão outras duas cadeiras de espaldar para os commissarios da nossa côrte, encarregados de assistir a esta ceremonia, o Sr. Conde de Linhares camarista de S. M. a Rainha, e o Sr. Barão de Rilvas, ajudante de campo de S. M. El-rei. Havião depois outros dous assentos para o Sr. Governador Civil do districto, e o Sr. General commandante da divisão. Seguio-se o lugar da Exm.ª Camara Municipal. Não era possivel caber mais assento algum, e por isso as pessoas, mesmo de primera ordem, que quizerão entrar, e soffrer o insuportavel calor que a armação e immensa quantidade de luzes tornava incommodo, conservárão-se a pé, nos pequenos espaços do fim da capella. Uma guarda de 12 officiaes inferiores de marinha, estava em duas alas desde o fim da tarimba que sustentava o real feretro. Outra guarda de 30 marinheiros armados, guarnecião a parede do fim da capella, desde o canto até fóra da porta. Uma credencia com preparos de escripta, estava no espaço, que apenas ficava á entrada da capella, correspondendo ao altar-mor.

Desde as 10 horas e meia achavão-se na Sé o Sr. secretario geral do governo civil José Lourenço Pinto, e o Sr. bibliothecario da Real Bibliotheca Publica João Nogueira Gandra, encarregados como mestres de ceremonias da execução do programma, que fôra escripto depois de se ter dias antes consultado todas as pessoas que podião illucidar qualquer objecção, convindo todos em que a pratica nos enterros de pessoas reaes em a nossa

côrte tem sempre separado o prestito secular e civil do prestito ecclesiastico e religioso. A's 11 horas e meia chegou o Sr. governador civil, e um quarto de hora depois entrou S. A. o Principe de Carignan, esperado á porta principal da Cathedral por uma deputação do Illm. Cabido, que lhe lançou agua benta e pelo governador civil.

S. A., os generaes, e mais comitiva do seu sequito dirigirão-se ao Altar do Santissimo Sacramento, e em seguida forão tomar os seus lugares na capella onde estava o Real Feretro. Cinco minutos depois, e quasi como em seguida, chegou o Exm. Sr. Bispo, os Exms. Srs. Commissarios regios, a Exm.ª Camara Municipal, e o Exm. Sr. Conde do Casal, tomando todos a collocação destinada, e ficando o Illm. Cabido sobre o subpedano que corre elevado ao longo da capella.

Paramentado convenientemente e assistido pelo Sr. Capellão do defunto rei o padre Antonio Peixoto, subio ao altar o Sr. Esmoler da côrte de Sardenha, e celebrou o Santo Sacrificio da Missa. A guarda dos officiaes sardos e a escolta dos marinheiros conservou-se sempre coberta, fazendo a continencia de curvação ao levantar da Hostia e Calix.

No fim da Missa, o Sr. Mestre-Eschola Dr. Pilar, subio ao canto do Altar do lado do Evangelho, e dirigio (em francez) uma breve allocução a S. A. o Principe de Carignan, allusiva á entrega que foi feita ao Cabido, e a guarda do Real Cadaver, objecto de continuo respeito e acatamento de toda a cidade, que em geral se póde dizer, que no es-

paço de 50 dias foi alli ao menos uma vez orar pela alma do magnanimo Finado.

No fim desta allocução o Sr. Delaunay, recebendo do Sr. Pilar a chave com que havia ficado no acto da entrega e reconhecimento do Real Cadaver, e juntamente com a que havia ficado, abrio a valvula que no caixão de mogno corresponde á abertura no caixão interno de chumbo, em direcção da face do defunto Rei. Então com phrases commovidas e no meio do silencio mais respeitoso que reinava em toda a capella, disse a S. A. o Principe que elle tinha o sentimento de renovar a dôr de seu sensivel coração, mas que apesar da obrigação dolorosa, era indispensavel que S. A. se dignasse de subir a ver que ali se achava o cadaver do muito alto e muito poderoso Rei Carlos Alberto, o qual ia ser confiado á sua guarda, na conducção para entre os tumulos de seus avós.

Então S. A. subio: olhou para a Face Augusta d'Aquelle seu tão Amigo e Parente, que poucas semanas havia visitado—e lembrado talvez dessa face sympathica que era tão apreciavel a todos os que de perto o tratavão—e agora livida e coberta da placidez de morte lhe despertava a mais justa saudade,—não pôde resistir a que duas lagrimas fossem distinctamente vistas, e com toda a veneração respeitadas pelos circunstantes!

Seguio-se no reconhecimento o Bispo, o Cabido todo, Conde de Linhares, o Barão de Rilvas, o general La Marmora, o senador Dr. Riberi, o general Solaroli, o Esmoler da côrte, os 4 officiaes do Es-

tado-Maior de S. A. (que são dous Marquezes e dous Condes) o Capellão da Casa Real, os Commandantes dos vapores Manzanbano e Goito, o Capellão Real nesta Cidade, o governador civil, o general, o Presidente da Camara Municipal, e e afinal o Cavalheiro Delaunay, que fechando de novo a valvula, entregou ambas as chaves nos mesmos saquinhos de veludo carmesim a S. A. o Principe.

Então o Cavalheiro Delaunay desceo á credencia no fim da Capella, e leu em alta voz o Auto que em francez trazia lavrado em duplicata, da recepção e entrega do Real Cadaver—uma copia para ser entregue a S. A. e outra para ficar no Archivo do Cabido.

Finda a leitura, foi o auto assignado sómente pelas pessoas que forão reconhecer o Cadaver, e pela mesma ordem com que ficão designadas, á excepção do Capellão Peixoto, que foi o unico que foi chamado a reconhecer, mas não a assignar.

Então sahio o Exm.º Bispo a paramentar-se para o responso, e neste meio tempo se distribuirão as tochas acezas a todos os convidados que se tinhão junctado no claustro, o qual se achava lutuosamente guarnecido, na direcção que devia trazer o sahimento.

Entoado o responso pelo Cabido e Beneficiados, metteu-se o caixão de mogno dentro do outro caixão tambem de madeira, mas com encaixes de ferro, em que por meio de alavancas, podesse ser transportado, no seu grande peso.

Deu-se então principio á coordenação do prestito geral. As tropas da guarnição achavão-se em alas desde a porta da Sé, pela rua Chã, do Loureiro, das Freiras Bentas, das Flores, de S. Domingos, de S. João, até á praça da Ribeira, a onde se tinha attracado o vapor de guerra sardo Monzanbano, juncto de uma prancha que communicava do caes para o navio pela pôpa, que havia sido desobstruida da sua varanda, para facilitar o ingresso, como logo mencionaremos. A' frente vinha um piquete de cavallaria. Seguia-se a banda militar do vapor Goito, tocando uma marcha funebre com a mais affinada melodia.

Todos os convidados seculares seguírão então em duas alas, com tochas accezas, e chapéo na mão, em numero talvez de 400 pessoas, hindo no fim destas alas os titulares e grandes do reino, Pares, Deputados, Authoridades, etc, etc.

Seguia-se o prestito ecclesiastico, pela communidade dos meninos orphãos, e debaixo da sua cruz, todo o clero, que seria em numero de 200. Hia depois a cruz do Cabido, e no fim delle as máças, e o Exm.º Prelado Mitrado, e de capa de asperges. assistido convenientemente.

Seguirão-se os officiaes de marinha sarda e a guarda dos officiaes inferiores sardos de que já fallamos, 12 creados sardos levavão tochas accezas.

Havião alas formadas dos marinheiros sardos, no meio dos quaes ia o carro funebre, puchado a quatro parelhas, todas acobertadas de baetas pretas, e acompanhadas de criados vestidos de luto

com fumos nos braços e descobertos. A's quatro borlas do rico panno mortuario que cobria o caixão depositado em cima do carro, pegavão na direita da cabeceira S. A. o principe de Carignan, e na esquerda correspondente o ajudante de campo do defunto Rei, General Delamarmora, na direita dos pés, o general do exercito sardo Solaroli, e na correspondente á esquerda, o encarregado dos negocios da Sardenha em Portugal o cavalheiro De Launay.

Ao meio do caixão, hião os dous sacerdotes sardos: — do lado direito, o esmoler, e do lado esquerdo o capelão, com tochas accezas, e rezando salteadamente em tom lugubre alguns dos psalmos penitenciaes.

Do coche rojava uma longa cauda de pannos pretos. Atrás do coche hião em linha os 4 ajudantes de S. Alteza, ricamente fardados, e conduzindo em almofadas de ilhama de ouro as reaes insignias — corôa, sceptro, e espada da justiça, e o grande colar das ordens da Annunciada, S. Mauricio e S. Lazaro.

Todos hião cobertos, menos os 4 personagens das borlas do panno mortuario.

Seguirão-se então os dous commissarios que vierão representar neste acto a suas magestades: o Conde de Linhares e o Barão de Rilvas, no meio do Governador Civil e do Presidente da Camara Municipal. Fechava o cortejo a Camara Municipal do Porto. Por fóra deste ultimo grupo do carro funeral, ia de cada lado uma fileira de soldados do

corpo da Guarda Municipal, para alargar o espaço, e deixar gozar a pompa, e brilhantismo desta ceremonia.

As ruas do transito estavão apinhadas de povo da cidade e aldêas visinhas, que tinhão vindo gozar do espectaculo novo e raro, que tanto desafiava a curiosidade e desejo de todos os portuguezes, os quaes somente tinhão presenciado a funcção ,— de que esta foi uma imitação, na chegada do coração de S. M. I. o Sr. D. Pedro Duque de Bragança, para o seu deposito na real capella da Lapa! E em desempenho desta imitação, não havia uma só morada de casas, que não tivesse algum de seus andares (e muitas d'alto a baixo) guarnecidas de veludo, pannos, damascos, e estofos pretos, o que motivava a vista mais surprendente. Não havia senhora entre as apinhadissimas janellas do transito, que não estivesse de luto, nem mesmo morador, que estorvado de ir formar o prestito, não estivesse com o seu vestido preto.

O cortejo principiou a sahir da Sé ás 3 horas e meia da tarde, e chegou á praça da Ribeira pelas 5 horas.

Desde antes da casa da Feitoria na rua de S. João, achavão-se paradas as alas que hião até ao caes em frente do vapor Monzanbano. Ao sahir da cathedral uma bateria d'artelheria postada aonde foi a bateria do paço episcopal, deu uma salva real de 21 tiros.

Ao despontar o prestito a S. Chrispim, em frente da rua de S. João, o vapor Sardo Goito, e o Vapor

Portuguez Infante D. Luiz, que se achavão ancorados no meio do Rio, começárão a dar iguaes salvas reaes, bem como o Vapor Monzanbano.

Os marinheiros que havião ficado a bordo, estavão sobre vergas, descobertos, obsequio que todos os navios em amarração ao alcance da vista do vapor fizerão — e mesmo aquelles que não tinhão guarnição cruzarão suas vergas, e içárão bandeira a meio páo: bandeiras que arriarão de todo no momento de entrar o Real Cadaver no navio, e tornárão alguns minutos depois a elevar ao mesmo sitio designado para luto e dó.

Chegado o cortejo ao Caes da Ribeira, recolhidas as tochas dos convidados, tirou-se o caixão de cima do carro funebre, e com a mesma formalidade, conduzido por oito officiaes inferiores sardos, foi caminhando para bordo, aonde sómente podérão ser admittidos o cabido desde a sua cruz, os commissarios regios, Governador Civel e Camara.

A Camara Ardente Provisoria.

Sobre o tombadilho de ré, desde a amurada da pôpa até ao mastro, foi todo coberto de lona até a elevação de dous homens, pouco mais ou menos. A entrada figurava uma barraca de campanha, no vertice da qual estava a Corôa Real. Interiormente era pintada fingindo marmore, divididas as duas paredes lateraes em columnetas, no meio das quaes havia grupos de bandeiras sardas, em haspa: no meio destes grupos os seguintes seis emblemas,

pintados em escudos a fingir relevo da mesma qualidade de que se figuravão as paredes.

As allusões destes emblemas pertencem aos sinetes de que usava o defunto Rei, herdados já de seus antigos Avoengos.

N'um escudo estava pintado um Guerreiro a cavallo, coberto este e o cavalleiro com as armaduras de ferro da antiguidade, tendo o cimo do Guerreiro, e a cabeça do cavallo duas azas como guarnição. O mote que circundava o escudo era:

Ad majorem Dei gloriam.

N'outro escudo estava um cão de caça, com uma estrella sobre a cabeça, e deitado sobre espinhos, com o seguinte mote:

Vituperori ab impiis laudane est.

Em outro escudo havia uma cruz alta, e nella atravessada uma ancora, tendo por mote sobre os braços da cruz:

Potience!

Tinha outro escudo um Leão com elmo na testa, e tambem duas azas por ornato. Pendia-lhe do pescoço uma cadêa partida, e na espadua um escudete com as armas da Saboia. Estava como assentado sobre os pés trazeiros, e calcava uma vibora que se contorcia. Era o seu mote, em antigo francez:

Je ataus mo austre.

Mostrava outro escudo a Cruz da Saboia, e no lado fronteiro outro com a Cruz da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro.

Entre estes seis escudos havia quatro tarjas circundadas de louro natural, em que estavão escriptas:

Goito.
Monzanbano.
Peschiera.
Pastrengo.

O tecto desta especie de barraca era interiormente raso, e comprehendia em toda a sua extensão e largura as armas de Sardenha: uma cruz lisa branca, em escudo com campo vermelho, e corôa real por timbre.

No tope em frente da entrada havia um altar com seis lumes, e uma cruz de lhama de prata sobre o fundo negro.

Tinha o altar tres degráos, e no fim delles começava a tarimba sobre que assentárão o feretro real, com alguma elevação para o lado da cabeça.

(Deve advertir-se que na capella de S. Vicente, e nesta actualmente, o caixão se collocou da maneira, que os Sacerdotes tem por privilegio; a cabeça para o lado do altar.)

Cem castiçaes estavão collocados em torno, com 100 vellas de cêra, e d'aqui vem o epitheto de se chamar Camara ardente a esta profusão de luzes!

Nos cantos exteriores havia quatro urnas fune-

rarias com fogo perenne alimentado por aromas, e balsamo cheiroso.

O Faldistorio do Exm.° Bispo ficou do lado do Evangelho do altar; e em frente, do lado da Epistola, S. A. o Principe.

A cruz do Cabido ficou em frente do feretro para o lado dos pés.

Assentado o caixão sobre a tarimba, e dispostos em torno os circumstantes que entrárão na Camara ardente, subio ao pavimento do altar o Reverendo Capellão de bordo, vestido com habito talar, e recitou em italiano uma pequena, mas eloquentissima oração.

No fim da oração, entre a continuação do religioso silencio que reinava, apezar da proximidade de tantas e tantas mil almas, que perto cobrião o muro, propriedades e caes, que guardavão respeitosissimo acolhimento, — uma melodiosa e concertada musica, atravez do forro da Camara ardente, composta de quatro vozes — Basso, Baritono, Tenor e Contralto, acompanhada sómente a flautas, clarinetas, trombones e offcleids entoou o Responsorio — Libera me Domine — com uma afinação tão melancolica, quanto amena e magistralmente desempenhada. Então o Exm.° Bispo aspargio e incensou o feretro real, e ditas as ultimas ceremonias, terminou assim o acto religioso que se praticava da entrega a bordo, do cadaver saudoso do Magnanimo Rei e Cidadão do Porto (como elle dizia) por espaço de quatro mezes! O regimento de infantaria n. 2 deu então 3 descargas de fuzil,

annunciando que a ceremonia se havia concluido. S. A. e todos os Generaes e Officiaes despedírão-se do Exm.º Bispo, Cabido e Autoridades, acompanhando-os até á prancha sobre o caes.

O Prelado foi em prestito do Clero e Cabido acompanhado do Governador civil, Camara Municipal, e muitas das autoridades e cavalheiros da cidade reconduzido á Cathedral, com guarda de honra do Corpo Municipal.

Ali, entre agradecimentos de S. Ex. a tão obsequiosa deferencia, retirárão-se todos, e ainda o Governador civil recebeu os cumprimentos da Camara Municipal que o acompanhou até sua casa na proxima rua detraz da Sé.

CARTA DO PRINCIPE CARIGNAN

Ao Presidente da Camara Municipal do Porto.

Porto, 19 de Setembro de 1849.

Snr. Presidente. — Os habitantes desta cidade tem dado ao mundo nobres exemplos de valor, dedicação e de heroismo; virtudes das quaes o defuncto Rei Carlos Alberto ha sido a personificação durante um reinado fecundo de acontecimentos gloriosos. Fieis a estes principios, elles forão justos apreciadores do verdadeiro merito.

Fazendo assim uma respeitosa violencia ao incognito do Conde de Barge, elles repentinamente se

juntárão ás autoridades para o receberem em seus muros com todas as honras reaes, e com as demonstrações da mais viva sympathia.

No seu retiro voluntario, durante a sua enfermidade, continuárão a cercal-o de numerosas provas de respeito e da afeição, inspiradas por suas qualidades eminentes, por seu caracter elevado. Vinte e quatro horas antes da sua morte, S. M. significava ainda quanto apreciava a attenção e o interesse deste povo tão hospitaleiro.

A dolorosa nova de sua morte espalhou uma consternação geral; a attitude de todas as classes na ceremonia funebre de 31 de Julho e 1.° de Agosto, como na deste dia, é um documento incontestavel da sua sincera saudade.

Pela sua parte, a Camara Municipal, que representa tão dignamente esta cidade, unindo-se a estes sentimentos, juntou ainda uma prova de sua cortezia, dirigindo uma carta de pezames a El-Rei meu Augusto Soberano, cujo coração filial ha sido tão cruelmente experimentado em consequencia desta perda irreparavel.

Sua Magestade El-Rei Victor Manoel me encarrega de manifestar publicamente o seu reconhecimento a Mr. Antonio Vieira de Magalhães, Barão d'Alpendurada, Presidente da Camara do Porto.

Mui vivamente tocado por tantos testemunhos de alto interesse por seu querido pai, elle espera que vós, Snr. Presidente, sejaes interprete dos seus sentimentos para com a população do Porto.

Querendo além disso dar á Camara Municipal

um signal da sua estima e da sua benevolencia, na pessoa do seu Presidente, Sua Magestade se dignou, Snr. Barão, de vos nomear Commendador de sua Ordem religiosa e militar, cuja insignia vos envio.

Palavras não podem patentear tudo quanto sinto, e experimentei na presença do immenso concurso de povo que se juntou hoje em torno do feretro do illustre defuncto, para lhe prestar o tributo da sua saudade e da sua constante recordação.

Dando o seu ultimo adeos ao precioso despojo mortal de S. M. o Rei Carlos Alberto, elle encontrará alguma consolação no doce pensamento do amor e reconhecimento eterno da Casa Real de Saboia, e de toda uma nação, que venerará sempre a memoria deste Rei magnanimo.

EUGENIO DE SABOYA.

Senhor. — A Camara Municipal da cidade do Porto, consternada pelo infausto acontecimento da morte de S. M. El-Rei o Snr. Carlos Alberto, Augusto Pai de V. M., illustre hospede desta cidade, que elle escolheu para seu retiro, tem a manifestar a V. M. os sentimentos de magoa e afflicção, causados pela prematura morte de um magnanimo Monarcha, que era a honra e gloria da sua patria, e que por seu paternal governo soube grangear a estima e amor

de seus subditos: este golpe fatal sensibilisa de tal sorte os habitantes desta cidade, sem distincção de classes, que as demonstrações de lucto e consternação que manifestárão, são um perenne testemunho do apreço e sympathia que tributárão a tão excelso Monarcha, credor da affeição dos Portuguezes pelas suas sublimes virtudes. Não pertende a Camara Municipal impedir o justo sentimento que ha de compungir o coração de V. M. por tão sensivel perda, porque não pertende fazer injuria á natureza; mas só quizera que V. M., depois de chorar como filho amante, se consolasse como filho christão, considerando piamente que as virtudes com que El-Rei o Snr. Carlos Alberto tanto se distinguio nesta vida, o elevárão deste desterro á patria verdadeira, mansão dos Justos, e lhe assegurou neste mundo uma fama sempre viva, e no seu paiz uma eternidade sempre gloriosa. Só esta consolação é o poderoso balsamo que ha de servir de lenitivo a tão sensivel golpe. Digne-se V. M. aceitar estas expressões de sentimento e amargura que por tão grande perda a Camara Municipal ousa enviar a V. M., em testemunho de veneração e saudade pela Augusta Pessoa d'El-Rei o Snr. Carlos Alberto. — Porto e Paços do Concelho, 7 d'Agosto de 1849. — Barão de Alpendurada. — Jeronymo Carneiro Geraldes. — Antonio Luiz da Silva. — João Baptista de Macedo. — Manoel José Moreira Medon. — Custodio Pinheiro da Silva. — Joaquim Alves de Sousa. — Antonio Alves de Sousa Guimarães. — José Carneiro Geraldes de Vasconcellos.

Turim, 23 de Agosto de 1849.

Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros.

Senhores.

O Rei, meu Augusto Soberano, recebeu com emoção a carta de pêzames que lhe dirigistes, pela occasião do doloroso acontecimento que tão profundamente affligio seu coração filial, e pela qual lhe fizestes conhecer a magoa que a população do Porto manifestou pela morte de S. M. o Rei Carlos Alberto, de feliz memoria. S. M. já era sabedor, com uma satisfação verdadeira, por seu encarregado de negocios, da consideração e respeito que os habitantes do Porto tributárão a seu Augusto Pai desde o primeiro dia de sua chegada a essa cidade. S. M. ficou agora vivamente penhorado pelos signaes de afflicção que toda a população demonstrou por occasião dos funeraes de um Principe que merece tantas saudades, e me encarregou expressamente, Senhores, de ser para comvosco o interprete destes sentimentos, agradecendo-vos as palavras de consolação que lhe dirigistes em tão afflictiva circumstancia.

Apresso-me a cumprir estas ordens do Rei, e aproveito esta occasião para ao mesmo tempo vos offerecer, Senhores, os protestos da minha mais perfeita consideração.

Para a Exm.ª Camara Municipal da invicta cidade do Porto. M. d'Azeglio.

FIM.

INDICE DESTE LIVRO.



MONUMENTOS.

HISTORIA.

TYPOGRAPHIA DE SOARES E COMP., RUA D'ALFANDEGA, N. 6.



